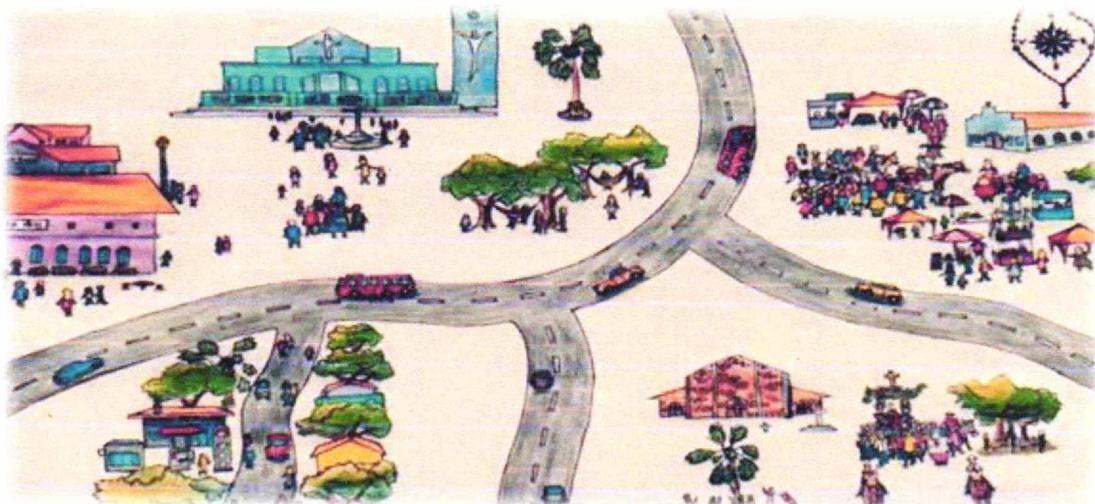




UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS - CECEN
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - DHG
CURSO DE GEOGRAFIA BACHARELADO

ANA LUZIA CAMPOS SILVA

**RELIGIÃO, TURISMO E TERRITÓRIO:
UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ROMARIA DE SÃO RAIMUNDO NONATO
DOS MULUNDUS, VARGEM GRANDE-MA**



São Luís – MA

2021

Ana Luzia Campos Silva

**RELIGIÃO, TURISMO E TERRITÓRIO:
UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ROMARIA DE SÃO RAIMUNDO NONATO
DOS MULUNDUS, VARGEM GRANDE-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à direção do curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís-MA, como requisito parcial para obtenção de bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza

São Luís – MA

2021

Silva, Ana Luzia Campos.

Religião, turismo e território: um olhar geográfico sobre a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, Vargem Grande – MA / Ana Luzia Campos Silva. – São Luís, 2021.

70 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Geografia, Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

Orientador: Prof. Dr. José Arilson Xavier de Sousa.

Ana Luzia Campos Silva

**RELIGIÃO, TURISMO E TERRITÓRIO:
UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ROMARIA DE SÃO RAIMUNDO NONATO
DOS MULUNDUS, VARGEM GRANDE-MA**

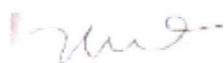
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à direção do curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís-MA, como requisito parcial para obtenção de bacharel em Geografia.

Aprovado em 06 / 04 / 2021.

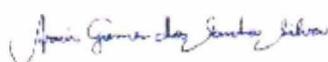
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)



Prof.ª Dr.ª Hermeneilce Wasti Aires Pereira Cunha
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)



Prof.ª Dr.ª Avacir Gomes dos Santos Silva
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

*A todos que contribuíram para
o meu aprendizado na Geografia/UEMA,
professores, amigos e companheiros do GEEC.*

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Maranhão pelo fornecimento da bolsa de iniciação científica, onde me deu o combustível p seguir com o projeto.

Ao Professor José Arilson Xavier de Souza, por ter me dado a oportunidade, pelas orientações durante os projetos de pesquisa e no TCC e pela paciência;

A minha guerreira mãe, que enchia seus olhos de lágrimas de preocupação em me ver dias vidrada na frente do computador;

Ao Pe. Antônio Carlos e senhor Raimundo Barroso, por nós conceder as entrevistas;

Aos amigos da geografia, em especial a Dayana Serra, Leiliane Seguins, Pâmela Rebeca e Fernando Vasconcelos.

Ao meu amigo/irmão David Bruno que me ajudou na arte do trabalho.

As companheiras de campo Lorena Régia e Thais Fernandes e a todos os membros do grupo de pesquisa Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura (GEEC).

À deusa Sarawati, pelos mantras que me ajudou a manter equilíbrio e paciência.

Aquela que é a noite de todas as criaturas, nela o mediador desperta. Aquela na qual despertam as criaturas, esta é a noite do sábio que vê.

Assim, como o oceano permanece imóvel enquanto as águas entram e o preenchem, da mesma forma aquele (que permanece imóvel), enquanto todos os desejos entram e o preenchem, este obtém a paz, e não aquele que deseja os desejos.

(BHAGAVAD GITA. 2: 69-70).

RESUMO

A religião desperta interesse da Geografia dada a sua capacidade de transformação dos espaços. Enquanto prática humana, a religião pode encetar novas lógicas aos territórios, os fazendo festivos, como é o caso da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, Vargem Grande, Maranhão, aqui estudada sob à luz da noção de turismo religioso. Neste intento, nos apoiamos nas contribuições da Geografia Cultural, da Geografia da Religião e da Geografia do Turismo a fim de abordar a história espacial daquela realidade geográfico-religiosa, problematizar a sua identidade territorial, apurar as percepções constituidoras de tal quadro e identificar os potenciais atrativos na configuração de um turismo religioso. Os procedimentos teórico-metodológicos utilizados foram: levantamento e reflexão bibliográfica; trabalho de campo de cunho qualitativo, com observação e realização de entrevistas; produção de material iconográfico; exercício de orientação. Esclarecemos que o material que aqui se encontra, se refere às pesquisas de iniciação científica desenvolvidas entre 2018 e 2019. Ademais, geramos aproximações com o método fenomenológico, valorizando os significados e os contextos dos mundos vividos dos sujeitos investigados. No tocante aos resultados e discussões alcançadas, brevemente, assim nos colocamos: o território festivo da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, Vargem Grande, é um consagrado espaço sagrado no âmbito do catolicismo popular rural e urbano, mas que apresenta grandes desafios em termos de planejamento turístico, requerendo o fortalecimento de suas potencialidades e a revisão de suas intenções (o que inclui as imagens de mundo da Igreja, do poder público e do setor privado). Por fim, ao adotarmos uma abordagem cultural em Geografia, propomos o Roteiro Turístico Religioso de São Raimundo Nonato dos Mulundus, inserindo o conteúdo simbólico e mítico dos territórios da fazenda Mulundus, da comunidade Paulicas e da sede de Vargem Grande. Defendemos, assim, que investir nesta empreitada pode direcionar o desenvolvimento econômico, social e cultural ao município.

Palavras-chave: Religião, Território; Turismo Religioso; Geografia Cultural; Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus.

ABSTRACT

Religion arouses interest in Geography due to its capacity to transform spaces. As a human practice, religion can start new logics to the territories, the festive times, as is the case of the Pilgrimage of São Raimundo Nonato dos Mulundus, Vargem Grande, Maranhão, studied here in the light of the notion of religious tourism. However, we rely on contributions from Cultural Geography, Geography of Religion and Geography of Tourism in order to address the spatial history of that geographic-religious reality, problematize its territorial identity, ascertain the constituent perceptions of such a framework and identify the potentials attractive in the configuration of a religious tourism. The theoretical-methodological procedures used were: bibliographical survey and reflection; qualitative fieldwork, with intense observation and interviews; production of iconographic material; orientation exercise. We clarify that the material found here refers to scientific initiation research carried out between 2018 and 2019. Furthermore, we clarify that we generate approximations with the phenomenological method, valuing the meanings and contexts of the experienced worlds of the investigated subjects. With regard to the results and discussions achieved, this is how we put it briefly: the festive territory of the Pilgrimage of São Raimundo Nonato dos Mulundus, Vargem Grande, is a consecrated sacred space within the scope of popular rural and urban Catholicism, but which presents great challenges in terms of tourism planning, requiring the strengthening of its potential and the revision of its intentions (which includes the images of the world of the Church, the public authorities and the private sector). Finally, when adopting a cultural approach in Geography, we propose the Religious Tourist Guide of São Raimundo Nonato dos Mulundus, inserting the symbolic and mythical content of the territories of the Mulundus farm, the Paulicas community and the headquarters of Vargem Grande. We argue, therefore, that investing in this endeavor can bring economic, social and cultural development to the municipality.

Keywords: Religion, Territory; Religious Tourism; Cultural Geography; Pilgrimage of São Raimundo Nonato dos Mulundus.

LISTA DE FIGURAS

Capa – Esboço artístico da área de estudo.....	01
Figura 1: Imagem de São Raimundo Nonato dos Mulundus.....	25
Figura 2: Santuário em Mulundus.....	26
Figura 3: Procissão à comunidade Paulica.....	26
Figura 4: Barracas de vendedores na Praça da Matriz.....	27
Figura 5: Transformações do Santuário de São Raimundo Nonato dos Mulundus.....	28
Figura 6: Tempo festivo em Vargem Grande.....	29
Figura 7: Restaurante, dormitórios e banheiros do Santuário.....	30
Figura 8: Outro espaço fornecido pela Igreja para acolher os romeiros.....	31
Figura 9: Entrevista com o Pe. Antônio Carlos.....	35
Figura 10: Devoto caracterizado de São Raimundo Nonato dos Mulundus.....	37
Figura 11: Rua São Raimundo interditada por vendedores de confecções.....	39
Figura 12: Divulgação de festas nos dias da Romaria.....	40
Figura 13: Barracões de festas próximo à comunidade Paulica.....	41
Figura 14: Entrevista com o senhor Raimundo Barroso (agente turístico)	46
Figura 15: Santuário do povoado Mulundus em 2015.....	49
Figura 16: Procissão no povoado Mulundus.....	50
Figura 17: Espaço de divulgação da SECTUR para acolhimento de turistas.....	51
Figura 18: Shows organizados pela Igreja (2018 e 2019)	52
Figura 19: Panorâmica da cidade do alto da Paróquia de São Sebastião.....	53
Figura 20: Roteiro turístico.....	54
Figura 21: Patrocinadores do festejo.....	55
Figura 22: Cd's sobre a história de São Raimundo Nonato dos Mulundus.....	56
Figura 23: Festejo na comunidade Paulica.....	57
Figura 24: Proposta de roteiro turístico – São Raimundo Nonato dos Mulundus.....	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Polos Turísticos do Maranhão.....	47
Tabela 2: Município inseridos no Polo Turístico do Munim/MA.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: abre-se a Romaria	13
CAPITULO 1: A RELIGIÃO EM GEOGRAFIA CULTURAL	16
1.1. A Geografia Cultural e a abertura dos estudos para questões espaço-simbólicas.	16
1.2. O tema religião em Geografia Cultural e Geografia da Religião	19
CAPÍTULO 2: ROMARIA DE SÃO RAIMUNDO NONATO DOS MULUNDUS: UMA APRESENTAÇÃO	23
2.1. A Romaria no curso da história espacial a partir do mito “santo vaqueiro”	23
2.2. A festa-Romaria na atualidade: transformações e significados espaciais	27
CAPITULO 3: GEOGRAFIA E IDENTIDADE TERRITORIAL: SOBRE AS PERCEPÇÕES CONSTITUIDORAS DA ROMARIA	32
3.1. Representação eclesial	34
3.2. Romeiros e peregrinos	36
3.3. Agentes turísticos e comércio religioso	38
CAPITULO 4: TERRITÓRIOS DEVOCIONAIS NA CONFIGURAÇÃO DO TURISMO RELIGIOSO	43
4.1. Povoado Mulundus	49
4.2. Sede de Vargem Grande.....	51
4.3. Comunidade Paulica	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS: até paro ano	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
Apêndice 1. Roteiro de entrevista com o Pe. Antônio Carlos.....	69
Apêndice 2. Roteiro de entrevista com Raimundo Barroso (agente turístico).....	70

INTRODUÇÃO: abre-se a Romaria

O espaço, como conceito central dos estudos geográficos, mostra-se como um *mar* de possibilidades de análise, sobressaindo-se diversos métodos e temas de estudos. Entre essa diversidade de *recifes*, e sob a necessidade de observar e bem descrever a Terra, na perspectiva dardeliana, a **Geografia Cultural** permitiu um olhar mais amplo acerca das expressões espaciais e simbólicas que estruturam a vida humana.

Por sua vez, a religião desponta como uma dessas expressões e desperta o interesse de geógrafos dada a sua capacidade de transformação dos espaços, exercendo influências na dinâmica espacial dos lugares, alterando a paisagem, induzindo a configuração de territórios, influenciando na economia, na cultura e em questões sociais. Enquanto prática humana, a religião pode encetar novas lógicas aos territórios, os fazendo festivos, como é o caso da **Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, Vargem Grande, Maranhão**.

Relacionada à Geografia Cultural, a **Geografia da Religião** tem desenvolvido pesquisas contundentes no que toca à compreensão do papel de religião na organização do espaço geográfico. De tais pesquisas, é clara a noção de espaço sagrado, cujas qualificações dizem de sua natureza extraordinária; espaço que pode ser concebido ou construído, e que admite forte influência da capacidade de imaginar do homem religioso.

Deste feito, o **Território**, como espaço apropriado e de domínio religioso, traduz um poder simbólico e singular digno de problematizações que ultrapassam teses racionais, sem deixar, é claro, de considerá-las. Assim, o **Território Religioso** reflete as ações que envolvem os anseios de um grupo religioso, marcando no espaço sinais identitários. Em outros termos, a identidade está diretamente relacionada com o território quando estabelece sentimento de pertencimento, relações de afetividade, fixação da memória e da cultura de um grupo social (ROSENDAHL, 2011; GIL FILHO, 2008).

Outra atividade que habita o interesse das análises geográficas é o **Turismo**. E assim o é, também, por em função de suas implicações espaciais. Quando associado à religião, fala-se do **Turismo Religioso**, uma tipologia de turismo realizado em espaços valorizados pela fé e, assim, significado pelos turistas religiosos, seja em termos religiosos e/ou históricos. Na Geografia, em parte, tem cabido à **Geografia do Turismo** a apreciação deste tema.

Com efeito, no intento de realizarmos um estudo sobre a Romaria em tela, aqui, nos apoiamos nas contribuições da Geografia Cultural, da Geografia da Religião e da Geografia

do Turismo a fim de abordar a história espacial daquela realidade geográfico-religiosa, problematizar a sua identidade territorial, apurar as percepções constituidoras de tal quadro e identificar os potenciais atrativos na configuração de um turismo religioso.

Por ora, um problema de pesquisa se sobressai, a saber: *como que em Vargem Grande-MA, tomando referência a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, é exercida a relação entre Religião, Território e Turismo?* Traduzindo esta questão, assim, o objetivo geral da presente pesquisa é *interpretar sob um olhar geográfico-cultural a relação entre religião, território e turismo a partir do fenômeno religioso Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus*. Acompanhando a discussão, os objetivos específicos são: compreender a dinâmica do espaço religioso; investigar as concepções de identidade territorial a partir dos agentes espaciais que compõem o fenômeno religioso; identificar as potencialidades do território religioso para uma proposta e estruturação do turismo religioso.

Perseguindo reflexões a luz deste problema, esta pesquisa visa então contribuir com as pesquisas em Geografia que lidam com as práticas humanas, religião e turismo, quiçá, lançando conhecimentos oportunos. De tal modo, fazendo menção à cultura Védica de Sri-Prabhupada, líder religioso indiano, reproduzimos, por ora, as suas palavras como sendo de nossa intenção: “pode ser que um dia a ciência materialista descubra finalmente o mundo imaterial eterno que por tanto tempo tem sido desconhecido para os polemistas do materialismo grosseiro” (PRABHUPADA, 2004, p.01).

Os procedimentos teórico-metodológicos utilizados foram: levantamento e reflexão bibliográfica; trabalho de campo de cunho qualitativo, com observação e realização de entrevistas em 2019 com o Padre Antônio Carlos e o senhor Raimundo Barroso para a composição das discussões propostas na pesquisa; produção de material iconográfico; exercícios de intensas orientações. Ademais, elucidamos que buscamos gerar aproximações com o método fenomenológico, valorizando os significados e os contextos dos mundos vividos dos sujeitos investigados (SPOSITO, 2004). Nesta esteira, participar extensivamente do *campo*, da festa averiguada, foi necessário para bem descrever o que vimos, ouvimos e sentimos em tal situação (DARDEL, 2015).

Esclarecemos ainda que o material que aqui se encontra se refere às pesquisas de iniciação científica desenvolvidas entre 2018 e 2019 pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), cujo projeto de pesquisa se chamou “Espaço, Cultura e Religião: uma análise

territorial da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus – Vargem Grande-MA” e, respectivamente nestes anos, os planos de trabalho correspondentes se intitularam “Geograficidade Turística da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus – Vargem Grande- MA” e “Religião, Turismo e Território: enfoque sobre a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus – Vargem Grande – MA”. Na ocasião, as pesquisas tiveram aporte do Grupo de Estudo sobre Espaço e Cultura (GEEC).

Por fim, ressaltamos que o trabalho está estruturado em quatro capítulos, estes que, diga-se de passagem, imaginam “reabrir” a Romaria. O primeiro capítulo se propõe a destacar o tema religião no âmbito dos estudos em Geografia Cultural. No segundo capítulo, realizamos uma apresentação da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus. O terceiro capítulo encerra uma reflexão entre geografia e identidade territorial com base em percepções constituidoras da Romaria. Já o quarto capítulo sistematiza discussões sobre determinados territórios devocionais na configuração de uma proposta de turismo religioso.

Esta pesquisa também tem como intuito alcançar àqueles que buscam informações nas ideias relacionadas à geografia cultural nos segmentos da religião, turismo e território. Queremos que este trabalho possa, para além de contribuir para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, chegar ao conhecimento de agentes do Poder Público e pesquisadores da área de turismo religioso, visando agregar produções para, assim, chamar a atenção da importância do planejamento e desenvolvimento nas esferas culturais, econômicas e sociais do baixo Parnaíba, com enfoque as riquezas culturais que cercam o município de Vargem Grande-MA.

CAPITULO 1: A RELIGIÃO EM GEOGRAFIA CULTURAL

1.1 . A Geografia Cultural e a abertura dos estudos para questões espaço-simbólicas

Até a década de 1970, a Geografia Cultural, com difusão originada na Europa, se pautava na tradição empírica de análises objetivas do mundo material, negligenciando a cultura como significado, sendo algo que não apresentava um valor explicativo. A maior transformação da linha de estudo sobre esse tema foi através das obras de Carl Sauer, nos Estados Unidos, realizados por meio da Escola de Berkeley, priorizando os estudos sobre sociedades tradicionais e temas como cultura, paisagem cultural, áreas culturais, história da cultura e ecologia cultural, destacando, então, as difusões espaciais, a religião, os gêneros de vida e as migrações (CORRÊA e ROSENDAHL, 2011).

Em meio a diversas críticas, tanto de geógrafos externos e internos à geografia cultural sueriana, sobretudo sobre o conceito de cultura, sendo entendida como uma entidade supraorgânica, ou seja, algo que estava acima do homem, era independente com suas próprias leis. A partir das incompatibilidades de ideias entre os geógrafos, a década de 1990 marca um importante avanço nos estudos em Geografia Cultural, denominada “virada cultural”, em que as questões subjetivas tiveram espaço, como a importância dos estudos das representações do imaginário, o simbolismo, as dinâmicas da sociedade com o seu ambiente em relação as vivências e consciências, e também, houve uma quebra das concepções estruturalistas e positivistas, e assim, valorizando a cultura. Neste processo, deu-se a renovação da Geografia cultural em escala mundial (CORRÊA e ROSENDAHL, 2011; LÉVY, 2015).

Nesse período, ocorre uma redefinição do conceito de cultura, em que “o supraorgânico implica uma visão de homem como relativamente passivo e impotente” (DUNCAN, 2011, p.77), para uma visão ampla das relações da sociedade com o ambiente, assim colocando o *homem* como agente produtor da cultura, de modo em que esta não explica tudo, precisando sim ser explicada. Sendo estudada de modo multidisciplinar, a cultura também está centrada aos estudos geográficos que represente às transformações, modificações e modelagens espaciais. Para melhor compreensão da “nova geografia cultural”:

Uma possível definição dessa “nova” geografia cultural seria: contemporânea e histórica (mas sempre contextualizada e apoiada na teoria); social e espacial (mas não reduzida a aspectos da paisagem definidos de forma restrita); urbana e rural; atenta à natureza contingente da cultura, às ideologias dominantes e as às formas de resistência. Para essa “nova” geografia a cultura não é uma categoria residual, mas o

meio pelo qual a mudança social é experienciada, contestada e constituída (COSGROVE e JACKSON, 2011, p. 136).

É importante entender a função da Geografia Cultural nos estudos da relação homem-meio, de modo objetivo e subjetivo, que têm na função do simbólico, o significado das coisas. Na atualidade, “os significados constituem o foco da atenção do geógrafo cultural” (CORRÊA, 2009, p.3), e, para além da busca das compreensões materiais do espaço cultural, também coloca o imaterial como interface constituinte das organizações humanas sobre a superfície terrestre.

Nesses caminhos podem ser considerados tanto a dimensão material da cultura como a dimensão não material, tanto o presente como o passado, tanto os objetos e ações em escala global como regional e local, tanto aspectos concebidos como vivenciados, tanto espontâneos como planejados, tanto aspectos objetivos como intersubjetivos. O que os une em torno da geografia cultural é que esses aspectos são vistos em termos de significados e como parte integrante da espacialidade humana (CORRÊA e ROSENDAHL, 2011, p. 13-14).

É possível enfatizar alguns aspectos ou linhas de estudo relacionados com a dimensão imaterial para os estudos em Geografia Cultural, sendo a paisagem cultural, identidades, música, as relações com o urbano, a arte, literatura, a religião, cultura popular, entre outros, colocando as produções simbólicas imaginativas como fonte de interesse e investigação para os geógrafos culturais.

O trabalho humano modificando a paisagem natural resulta na paisagem cultural, formando uma área definida no espaço. Desse modo, a paisagem cultural é conteúdo geográfico, pois é um modo de compor, dar significado e modelar as mudanças realizadas por uma comunidade cultural no espaço, além de permitir a leitura, a caracterização, a diferenciação, entender as distribuições e organizações espaciais (CORRÊA e ROSENDAHL, 2011; WAGNER e MIKESSEL, 2011).

É importante destacar que, o significado das coisas/símbolos expressa múltiplos significados, ou seja, não demonstram somente um significado, mas sim polivocalidades que são as “diversas interpretações a respeito do mesmo símbolo” (CORRÊA, 2009, p.3). Além de ser uma construção social e subjetiva na busca de dar sentido à existência humana, constituem, também, relações sociais e espacialidade, assim como as atividades e ações da sociedade sobre a terra é, ao mesmo tempo, material e simbólica, a atribuição de significados

segue na ação (valor simbólico) e resulta nas expressões concretas espaciais (CORRÊA, 2009; WAGNER e MIKESELL, 2011).

Neste contexto de significar as construções sociais, estas são as formas simbólicas espaciais que podem ser constituídas por fixos (aqueles que estão fixados na paisagem) e fluxos (os caminhos, roteiros, marcas simbólicas), os quais têm uma relação com o espaço e possam identificar os agentes materiais e itinerários que dão um novo significado ao espaço. Como formas simbólicas pode-se citar as praças, os *shopping centers*, cidades, desfiles, procissões, santuários, templos, entre outros (CORRÊA, 2007).

Essas representações simbólicas ou formas simbólicas, materiais e não materiais, só apresentam um sentido quando é atribuído um significado a elas, a partir das relações do homem com sua terra. Assim, “o principal ponto é que o sentido não é inerente às coisas, ao mundo. Ele é construído, produzido. É o resultado de uma prática significativa – uma prática que produz sentido, que faz os objetivos significarem” (HALL, 2016, p. 44). Desse modo, as formas simbólicas espaciais representam as transformações que a cultura de um grupo social modela a paisagem composta por qualidades e significações diversas.

Ademais, a geografia cultural está centrada nas interpretações das representações simbólicas construídas pelos grupos sociais, e entender a paisagem cultural como um “texto cultural” (COSGROVE, 2012), ou seja, são textos com diversas ramificações que possibilitam fazer diversas leituras. Além disso, considera o espaço vivido, as práticas, as percepções e as relações com a terra ao longo dos tempos, onde os grupos sociais “constroem relativos à espacialidade passada, do presente e mesmo do futuro” (CORRÊA, 2009, p. 6), e, fazendo esse espaço-tempo a existência das diversas “encarnações”. Metaforicamente, relacionando ao hinduísmo e a encarnação dos deuses, ou seja, cada encarnação manifesta-se em uma escala espaço-temporal, sendo de uma origem (cultural), porém com significados, simbolismos e ações diversas.

A partir dessas leituras e olhares diversos, a Religião também favorece as múltiplas possibilidades de modos de ver e viver o espaço geográfico, e, por ter relação com o espaço, torna-se de interesse da geografia, sendo estudada com mais intensidade pela ciência da Geografia da Religião e também como um subcampo da Geografia Cultural. Entendida como uma atividade humana, a religião apresenta diversas representações de significados, vivências e condiciona as relações da sociedade com seu espaço.

1.2 . O tema religião em Geografia Cultural e Geografia da Religião

A importância da Geografia Cultural ocasionou possibilidades em analisar geograficamente assuntos que eram negligenciados pela Geografia Tradicional e pelos geógrafos marxistas. Um desses temas é a religião, considerada como utopia, alienação e assunto de cunho subjetivo. Porém, o fenômeno religioso também apresenta influências na dinâmica espacial de um lugar por um grupo social, e onde há interação com o espaço, há interesse da geografia.

Segundo Souza (2010), partir dos estudos de Santos (2006), o estudo sobre Geografia da Religião começou e ser desenvolvida em meados dos séculos XVI e XVII sobre uma Geografia eclesiástica com foco na classificação geográfica da religião em cartografar os lugares religiosos. Já na trajetória do século XVII os geógrafos começaram a identificar os lugares representados na Bíblia, denominada de Geografia Bíblica que perpetuou até o século XX sendo caracterizada pelas descrições. Porém, somente após a Segunda Guerra Mundial que houve maior visibilidade científica da Geografia da Religião, pautada nas concepções espaciais, e na segunda metade do século XX obteve consolidação como ciência e reconhecimento na Geografia.

Importante ressaltar as contribuições de Eric Dardel “O Homem e a Terra” (1952), Mircea Eliade com “O Sagrado e o Profano” (1959) e trazendo para o Brasil trabalhos realizados pela professora Zeny Rosendahl com “Espaço e Religião: uma abordagem Geográfica” (1996). A partir dessas contribuições, de modo geral a Geografia da Religião:

[...] deve ser compreendida como o estudo da ação desempenhada pela motivação religiosa do homem em sua criação e sucessivas transformações espaciais. Supõe-se a existência de um impulso religioso no homem que o leva a agir sobre seu ambiente, qualificando-o com formas espaciais que estão diretamente relacionadas com as suas necessidades. São marcas simbólicas que respondem aos desejos do devoto em suas práticas espaciais [...]. Os estudos exemplificam as relações entre espaço e religião, nas quais dois pontos são fundamentais na interpretação: sagrado e profano (ROSENDAHL, 2012, p. 25).

O estudo em Geografia da Religião reside em entender como o fenômeno religioso exerce influência na vida da sociedade, nas ações e transformações espaciais, no cotidiano, nas aplicações de significados, e em toda dinâmica que um lugar desenvolve em prol de um movimento religioso. As motivações, as marcas deixadas na paisagem; o sentimento, assim como as percepções; a religião, como fenômeno, também tem a capacidade de delimitação de

territórios, relações de poder (de modo positivo e negativo), e, na marcada pelo dualismo, na ideia de Mircea Eliade, entre sagrado e profano.

No estudo da interação da sociedade com o fenômeno religioso alterando do espaço geográfico, observa-se a diferenciação entre essas duas áreas. O espaço sagrado atribui um “ponto fixo” (a exemplo, o santuário), possibilitando um valor simbólico existencial à sociedade religiosa e de grande significação; já na questão do espaço profano, é o espaço que não apresenta ligações diretas com o sagrado, mas contém valores, sentimentos, etc. (ELIADE, 1992; ROSENDAHL, 1996). Desse modo,

O espaço sagrado é o espaço real por excelência, quer seja ele materializado em certos objetos ou manifestados nos símbolos hierocósmicos. Dessa forma isola-se do espaço profano que o circunda. O espaço sagrado e o espaço profano estão sempre vinculados a um espaço social. A ordenação do espaço requer sua distribuição entre sagrado e profano: é o sagrado que delimita o profano (ROSENDAHL, 1996, p.32).

A interação do homem religioso junto com outros agentes modeladores da paisagem que compõem esses espaços, sagrado e o profano, são elementos que instigam a curiosidade para um olhar geográfico. Cada elemento apresenta uma função espacial ligados ao fenômeno religioso, os sentimentos, as experiências, as peregrinações que os espaços religiosos manifestam. A partir dele, a dinâmica referente ao fluxo de pessoas, determinando e caracterizando em fiéis-devotos, que se deslocam exclusivamente em destino ao sagrado, e fiéis-turistas, que além de ter seu momento de fé e devoção, procuram outras maneiras de entretenimento. Já o espaço profano, estão os eventos adjacentes (shows, festas, entre outros), que acontecem no tempo sagrado.

Com isso, o geógrafo da religião tem a tarefa de observar, investigar e compreender essas transformações ligadas ao fenômeno religioso. Assim, “a compreensão de processos, encontros e misturas culturais [...], nos leva ao entendimento de que o sagrado e o profano podem, por ventura, serem analisados em conjunto num mesmo recorte espacial- como “espaços sacro-profanos [...]” (SOUZA, 2010, p.76).

Nas experiências, vivências, valor simbólico efetivo e sentimento de pertencimento, “para a religião o imaginário é fundamental” (ROSENDAHL, 1996, p. 29). Com isso, o estudo da religião como um fenômeno, nas percepções fenomenológicas refere-se as experiências vividas no espaço e no tempo, as motivações, percepções, sentidos e razões que o fenômeno se manifesta, destacando o sentir como “comunicação vital com o mundo”

(MERLEAU-PONTY, 1999, p.84), relacionando com o tema de análise, entender as interações e sensações do sujeito (os agentes participantes) com o fenômeno (religião).

O conhecimento da religião permite o entendimento da sua função e/ou intervenção nas dimensões econômicas (a religião como produtora de bens simbólicos de consumo, “capital religioso”), dimensões políticas (as estratégias entre instituições religiosas com o espaço), e as dimensões do lugar apontadas por Rosendahl (2011; 2013). Dessas dimensões, é importante frisar o exercício da religião na definição de territórios, ou seja, as ligações diretas em delimitar e controlar um determinado território “dotado de estruturas específicas, incluindo um modo de distribuição espacial e de gestão do espaço” (ROSENDAHL, 2013, p.174).

Tomando como exemplo e trazendo como tema central desta pesquisa, a religião, que também participa na modelagem da paisagem, na relação entre as pessoas e faz valer espaços de fortes conotações simbólicas, o que perpassa por questões certamente materiais, mas também imateriais. Importante destacar que os espaços também são construídos, reconstruídos e modelados por um imaginário que faz parte do cotidiano do homem religioso. Desse modo, o território religioso é composto por diversos significados, símbolos e imagens, favorecendo o exercício da fé e da identidade religiosa (ROSENDAHL, 2013; SCHLÖGL *et.al* 2010).

Nesse contexto, para controlar um determinado território é necessário atribuir condições para a manutenção desse controle, é o que determina a relação entre Religião e Territorialidade. Assim, como resultante de construções sociais, a questões de territorialidade refere-se:

Territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território. Sendo assim, a territorialidade engloba ao mesmo tempo as relações que o grupo mantém com o lugar sagrado (fixo) e os itinerários que constituem seu território [...] A religião só se mantém se sua territorialidade for preservada e, neste sentido, pode-se acrescentar que é pela existência de uma religião que se cria um território e é pelo território que se fortalecem as experiências religiosas coletivas e individuais (ROSENDAHL, 2011, p.195).

E dessas experiências religiosas, que a dinâmica no território religioso e suas práticas atraem “o interesse geográfico pela religião ocorre com base na relevância simbólica do sagrado e sua espacialidade. Ambas – Geografia e Religião – se encontram através da dimensão espacial” (OLIVEIRA, 2019, p. 57). Sendo assim, destacando a investigação e

interpretação da materialização da fé no tempo e no espaço, e os diversos meios que a religião desenvolve e modifica o cotidiano dos grupos sociais.

O espaço-tempo representado aqui é o espaço-tempo festivo: as celebrações do sagrado, os movimentos humanos, as transformações espaciais, os itinerários e as potencialidades turísticas, dentre outros. A saber, a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus representa o espaço-tempo festivo em análise, que será apresentado a seguir.

CAPÍTULO 2: ROMARIA DE SÃO RAIMUNDO NONATO DOS MULUNDUS: UMA APRESENTAÇÃO

A festa religiosa é composta por rituais de aproximação e comunicação com uma divindade, através das danças, procissões, banquetes, orações entre outros fatores. É deixar-se levar pelos “caminhos da emoção”. Como produtora de formas simbólicas territoriais, as festas religiosas exercem marcas na paisagem que são produzidas pelos grupos culturais ao longo do tempo. De tal modo, a ida aos locais festivos religiosos oferece conteúdo para as investigações geográficas (CLAVAL, 2014; MAIA, 2013).

Nesse contexto, essas marcas simbólicas, entendidas pelos geossímbolos, que “pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão, que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (BONNEMAISON, 2012, p.292), ou seja, são representações espaciais feitas por grupos culturais repleto de valores e significados que compõem um conjunto de fatores que podem constituir uma identidade de um povo e, também, nos permite entender a fonte histórica, compreender os sentidos de suas expressões no espaço e as organizações e modelagens territoriais feita por eles.

É com esses geossímbolos que a religião “imprime marcas que identificam e delimitam um dado território religioso” (ROSENDAHL, 2005, p.07). Assim, a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus é repleta dessas formas espaciais que dão sentidos, valores e destacam diversas expressões territoriais que marcam esse fenômeno religioso de análise.

2.1. A Romaria no curso da história espacial a partir do mito “santo vaqueiro”

A Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, também conhecida como Romaria do Santo Vaqueiro, acontece no município maranhense de Vargem Grande, que está localizado na mesorregião norte maranhense e na microrregião geográfica do Itapecuru-Mirim. Com mais de 200 anos de tradição, a festa tem da figura do vaqueiro Raimundo Nonato a sua maior representação simbólica. Assim, milhares de pessoas, ano após ano – tanto do município vargem-grandense quanto de municípios adjacentes e de outros estados brasileiros, celebram o movimento religioso prestando sua fé e devoção.

O mito que sustenta o ideário festejo se originou na fazenda de Mulundus, localizada cerca de 20 a 30km, aproximadamente, da sede municipal, onde Raimundo Nonato Soares Canguçu trabalhava como vaqueiro, viveu e deixou seu legado com milagres, devoção e amor. No início do século XIX, Raimundo Nonato, nascido em 31 de outubro de 1700, um homem muito religioso, acidentou-se próximo a uma carnaubeira, gerando um traumatismo no pescoço, ninguém sabe ao certo o que levou a ocorrer esse acidente, causando muita comoção aos seus familiares e amigos. Porém, o corpo desfalecido estava em perfeito estado e exalando inexplicável perfume de rosas. A devoção começou com a recuperação de seu ex-patrão de uma doença, em que a comunidade acreditar ter sido um milagre concedido por Raimundo Nonato. Com isso, os moradores passaram a celebrar a sua memória ao lado da carnaubeira (FERETTI, 2008).

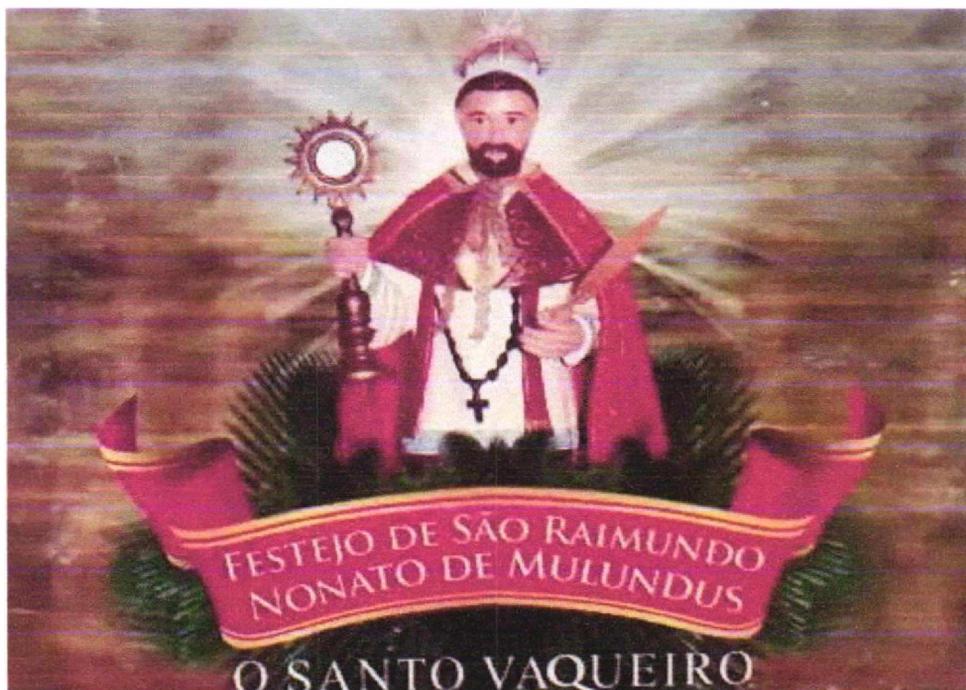
Por se tornar um símbolo importante, na época, todas as carnaubeiras foram destruídas pelas pessoas que acreditavam que elas tinham "poderes" medicinais e atraíam cada vez mais pessoas àquele local. Sobre esse fenômeno, seria correto dizer que:

A sacralidade não se restringe a pequenos lugares separados na natureza, mas pode se estender (através do importante princípio religioso da santificação por contágio) a porções vizinhas da paisagem [...]. Tais paisagens naturais sagradas se tornam áreas de proteção natural determinadas religiosamente (FICKELER, 1999, p.32-33).

A carnaubeira, se tornou um símbolo de toda a festa, despontando, via de regra, ao lado da imagem do santo (Figura 1), sendo utilizada nas decorações das igrejas e, também, nos itinerários das procissões para marcar a passagem do santo, onde são colocadas em postes de luz ou nas casas de alguns devotos que acreditam trazer boas energias e bençãos.

Devido a esses acontecimentos, e pela recuperação do seu ex-patrão que havia adoecido e “milagrosamente” se recuperado, construíram uma capela e começaram a festejar com orações e cânticos no dia que Raimundo Nonato havia falecido, em 31 de agosto, e deste então, tornando-se uma importante manifestação popular. Até a metade do séc. XX, os romeiros se deslocavam até Mulundus para prestigiar o festejo, e a cada ano, o número de pessoas aumentava, fazendo com que a Arquidiocese de São Luís-MA, transferisse o festejo para Vargem Grande, para atender melhor a grande demanda de fiéis.

Figura 1: Imagem de São Raimundo Nonato dos Mulundus



Fonte: Própria autoria (2019).

A festa inicia-se no dia 22 de agosto com uma romaria de Vargem Grande até a comunidade Paulicas, situada aproximadamente a 7 km da sede municipal. A partir dessa romaria, inicia-se o novenário que vai até o dia 31 de agosto, encerramento. Desse modo, o festejo acontece entre três pontos espaciais, sendo eles: a fazenda de Mulundus (Figura 2), onde o mito do vaqueiro tem sua gênese e mantêm uma tradição de devoção nos dias 22 a 31 de outubro; a comunidade Paulica (Figura 3), onde acontece missas e procissões a pé e a cavalo; e, por fim, a sede do município, mais especificamente na Paróquia de São Sebastião (Santuário de São Raimundo Nonato), localizada na Praça da Matriz, onde são realizadas missas, as instalações de vendedores (Figura 4), que circunda toda a praça e ruas adjacentes; é, também, o local que concentra as atividades da Romaria, bem como recebe o maior número de fiéis, turistas, vendedores, entre outros agentes espaciais.

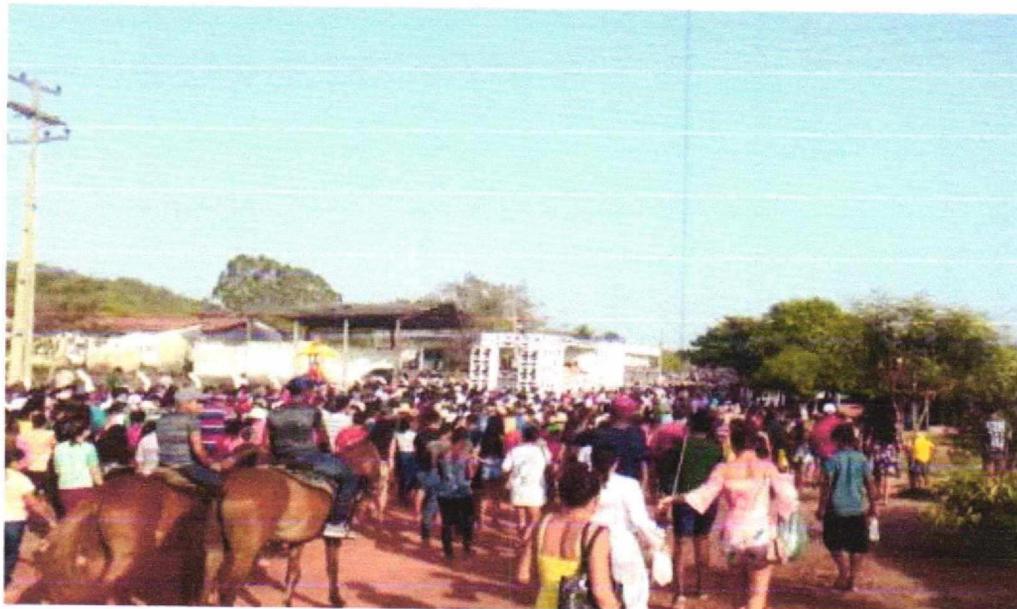
O santuário em Paulica era de taipa, e com apoio dos gestores do Poder Público obtiveram recursos para a reforma do santuário, inaugurada em agosto de 2004. Em 1958 uma devota, senhora Delzuita Leitão, doou essa terra para o santo que pudesse ser transformada em um lugar de peregrinação. Além de ser um território simbólico para a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, Paulicas também abre espaço para outras romarias.

Figura 2: Santuário em Mulundus



Fonte: IG Devotos de São Raimundo, 2020.

Figura 3: Procissão à comunidade Paulicas



Fonte: Própria autoria, 2019.

Figura 4: Barracas de vendedores na Praça da Matriz



Fonte: Própria autoria, 2018.

Esses três pontos espaciais que abrange toda Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus referem-se às bases de análise. Assim sendo, mais precisamente, no Santuário de Raimundo Nonato dos Mulundus, as dinâmicas, as transformações espaciais e os significados que esse território recebe ao longo dos anos referente à Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, será de extrema relevância para a compreensão do fenômeno religioso, como atividade humana, exerce no espaço.

2.2. A festa-Romaria na atualidade: transformações e significados espaciais

Durante esses 200 anos de celebração ao santo vaqueiro, diversas transformações ocorreram nesse espaço/tempo, desde quando era realizada em uma pequena capela, e hoje ser considerada uma das maiores festividades religiosas do estado do Maranhão, e dando múltiplas características atrativas ao município de Vargem Grande.

São destacadas aqui as experiências vividas durante os dois anos de pesquisas e as idas a campo no período festivo e pós-festa a fim de entender as transformações espaciais que o

fenômeno religioso exerce no espaço geográfico, participando das romarias, conversando com alguns fiéis e, assim, compreender as sensações e significados de estarem ali.

Um modelo perceptível para entender o quanto foi modificado é o território da Praça da Matriz (Figura 5), desde a saída de Mulundus, ao longo dos anos, houve várias transformações para atender os fiéis e, além deles, turistas se fazem presentes, sendo o geosímbolo de destaque para a sacralidade dos devotos e ponto turístico para a cidade de Vargem Grande.

Figura 5: Transformações do Santuário de São Raimundo Nonato dos Mulundus.



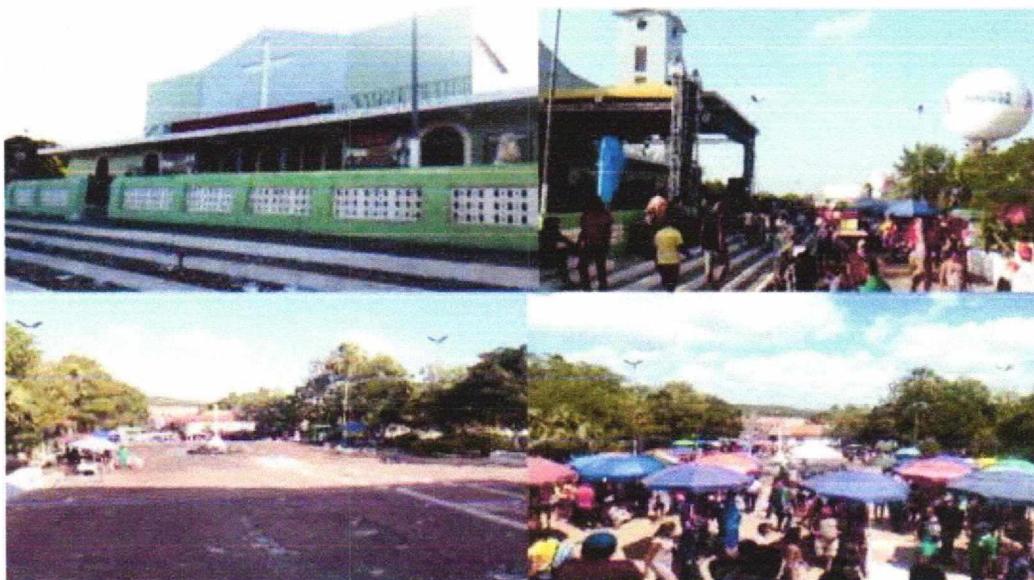
Fonte: Elaboração da autora, 2021, a partir do Instagram *Devotos de São Raimundo*, 2020, IBGE (s/a).

Assim sendo, esse geosímbolo representa um “significativo e atuante onde está instalado, o Santuário enquanto forma simbólica espacial não escapa à análise dos geógrafos, sendo analisado para além de sua monumentalidade arquitetônica” (SOUZA, 2009, p. 88). Significados que representa para os fiéis um lugar de encontro com o divino é o ponto de “pagamento” das graças recebidas e pedir bençãos.

Durante os dias que ocorre a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, a cidade de Vargem Grande se transforma em um grande centro festivo (Figura 6), em que caravanas são feitas para chegarem até lá, muitos vendedores vão para Vargem Grande e para a comunidade Paulica em busca de vender seus produtos e obter lucro, sendo que, muito desses vendedores são de cidades adjacentes e localidades mais distantes. Com isso, sem a

festa, o município vargem-grandense torna-se uma cidade sem grandes aglomerações de pessoas.

Figura 6: Tempo festivo em Vargem Grande



Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Como a cidade vive sob um movimento religioso intenso e extenso do ponto de vista político, social e econômico, consideramos que Vargem Grande como sendo uma hierópolis, ou seja, cidade santuário. Para Rosendahl (1996, p.46):

Trata-se, portanto, de cidades que possuem uma ordem espiritual predominante e marcadas pela prática religiosa da peregrinação ou romaria ao lugar sagrado. Pelo simbolismo religioso que esses locais possuem e pelo caráter sagrado atribuído ao espaço, podemos chamar esses locais de hierópolis ou cidades-santuário. Assim, as cidades-santuário, são centros de convergência de peregrinos que com suas práticas e crenças, materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço.

Por ser uma extensa área, a Praça da Matriz, referente ao trabalho empírico em 2018 e 2019, houve transformações na sua configuração espacial. No primeiro momento, no “terraço” do santuário havia uma área que sem tantos cômodos, porém foi observado que foi construído hospedarias para acomodar os romeiros, são espaços compartilhados com locais para dormir tanto em redes quanto em colchonetes (Figura 7). Outro espaço construído foi o restaurante (Figura 8), um local amplo, com mesas e cadeiras, além de ser oferecida a culinária local entre outros pratos tradicionais, porém, cada refeição equivale a um valor.

Figura 7. Restaurante, dormitórios e banheiros do Santuário

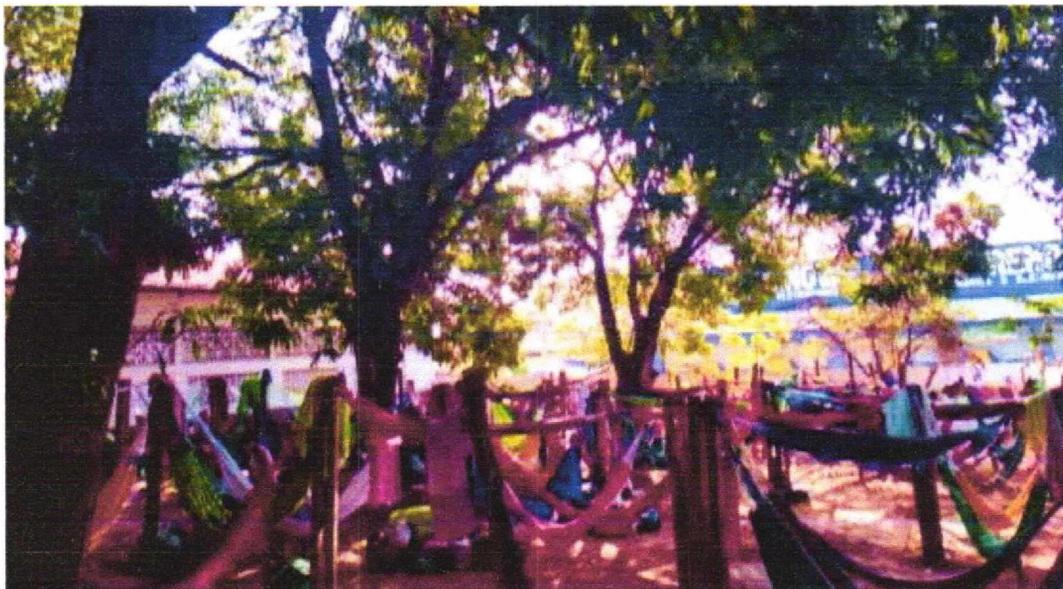


Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Nesse ponto, observamos a capacidade que a instituição religiosa em transformar, simbolicamente, seu território para atender a demanda dos romeiros. Entendemos que, ao colocar um valor simbólico religioso em um espaço, está sujeito a múltiplas concepções de significados, uma delas é a sacralidade espacial e a materialização do pensamento religioso, e desse modo, “ao reconhecer a instituição religiosa como agente modelador do espaço torna-se necessário considerar a forma e a intensidade do poder desse agente” (ROSENDAHL, 2005, p.05).

Outro espaço que foi alterado e fornecido pela organização da Igreja aos romeiros foi o “quintal” do santuário (Figura 8), um espaço amplo e compartilhado, no entanto, para utilização somente de redes que são estendidas com o auxílio de estacas de madeira fixadas ao solo e com as árvores do local. Em conversa com alguns romeiros, para ficar nesse espaço é necessário à contribuição de um pagamento por pessoa.

Figura 8: Outro espaço fornecido pela Igreja para acolher os romeiros



Fonte: Própria autoria, 2019.

Nesse contexto, observamos as mudanças espaciais de acordo com o aumento de romeiros ao longo dos anos, e no incentivo da Igreja em atender os devotos dando comodidade. Por outro lado, destaca-se o exercício do poder da religião, vale lembrar que o poder relacionado nessa discussão, é o poder simbólico sobre o território, em construir, reconstruir e organizar espaços colocando um atributo do sagrado nesses locais (restaurantes, dormitórios, etc.), também tem o poder de delimitar esses espaços e, quase sempre, induzir comportamentos espaciais. Entre essas intervenções da religião sobre o território de Vargem Grande, destaca-se as atribuições das percepções envolvendo o sagrado com esses espaços, sobretudo, na composição de uma identidade.

CAPITULO 3: GEOGRAFIA E IDENTIDADE TERRITORIAL: SOBRE AS PERCEPÇÕES CONSTITUIDORAS DA ROMARIA

Assim como em outras ciências humanas e sociais, a Geografia Cultural também se reveste nas discussões referentes à questão de identidade. Desse modo, a ideia de identidade, aqui, não está ligada a algo concreto, mas, sobretudo, as múltiplas concepções que a sociedade tem em se identificar através dos simbolismos e significações das múltiplas representações espaciais.

Na Geografia Clássica, os geógrafos se preocupavam com a “identidade dos lugares e das pessoas”, ressaltando a personalidade das regiões e seus habitantes, vale salientar sobre o estudo da “personalidade da França” discutido por Vidal de La Blache, referente a um salto de uma leitura simples da paisagem a uma leitura complexa das correlações das diversidades entre a sociedade e ambiente, ou seja, o autor destaca um retrato das regiões e de seu povo, na perspectiva de identificar seu território. Referente a sua obra “A Geografia do Leste”, sobre o território francês de Alsácia-Lorena, os quais foram perdidos pela guerra entre França e Alemanha; nesta obra, ele destaca a esse território faz parte da cultura francesa (LE BOSSÉ, 2013; CAMPOS, 2014).

Atribuir uma identidade a um espaço requer a compreensão de que se pode designar diversas concepções, sendo elas individuais ou coletivas, que “através da atribuição de significados ao espaço, pode reforçar, legitimar ou dar forma a identidades territoriais específicas, o que extrapola o caráter fundamentalmente político do território” (HAESBAERT, 1997, p.44). Em suma, identidade territorial presume de uma base espacial, um território composto de poder simbólico.

Por ora, discorramos sobre o conceito de território na perspectiva da Geografia Cultural. Neste intento, dentre várias possibilidades, apostamos nas ideias de Bonnemaïson (2012), o território pode ser entendido sob duas formas:

O território é, ao mesmo tempo, espaço social e espaço cultural: ele está associado tanto à função social quanto à simbólica. [...] O espaço social é produzido; o espaço cultural é vivenciado. O primeiro é concebido em termos de organização e de produção; o segundo, em termos de significação e relação simbólica. Um enquadra; o outro é portador de sentido (BONNEMAISON, 2012, p. 289).

De acordo com esta leitura, entende-se como um território que, além de apresentar um caráter político de organização, delimitação e poder sobre o espaço, também corresponde às

vivências e experiências simbólicas dos homens e dos grupos sociais. No contexto da religião, ela também se relaciona na produção e organização espacial, a partir das relações simbólicas com o ambiente. Dessa maneira, a religião como fenômeno estabelece funções sociais, políticas e econômicas no território e, além disso, estabelece ações e estratégias para manter o controle e fixar o homem no território religioso, entendido de territorialidade religiosa (ROSENDAHL, 2005).

Quando se discute o território como um espaço delimitado, não se refere, tão somente, a uma delimitação concreta, mas também “a um território fluido, líquido, deslizante, descontínuo e com fronteiras permeáveis, híbridas, que formam uma rede territorial complexa” (FRANCA, 2015, p.98), ou seja, são espaços múltiplos que ganham forma a partir da ação humana, sendo possível o ensejo de novas características e conteúdos identitários. Nesse contexto:

Território, assim, como qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. [...] enquanto “espaço-tempo vivido”, o território é sempre múltiplo, diverso e complexo [...] (HAESBAERT, 2004, p.1-2).

Compreendendo o território como um espaço formado pelas ações físicas e simbólicas dos grupos sociais; e territorialidade como ações e práticas para manter a conexão com determinado território, as expressões territoriais podem ser difundidas a partir do imaginário para cada indivíduo ou para cada instituição, ou seja, o território, além das perspectivas que uma área delimita, é também constituído por grupos sociais que estabelecem domínios em uma determinada área, a partir de atribuições de valor e poder simbólico, significados, vivências e marcas na paisagem. E com essas atribuições tanto individuais e coletivas configura-se uma identidade territorial, e “a reflexão sobre a identidade em geografia amplia o sentido do imaginário geográfico individual e social” (LE BOSSÉ, 2013, p. 231). Assim:

Os geógrafos devem procurar compreender a concepção de um mundo que existe no coração do grupo ou da sociedade que estejam estudando. Isso menos pelo estudo da representação cultural em si mesma, mas sobretudo pelo estudo de suas expressões espaciais. Trata-se de reencontrar os lugares nos quais se exprime a cultura e, depois, a espécie de relação secreta e emocional que liga os homens à sua terra e, no mesmo movimento, funda sua identidade cultural (BONNEMAISON, 2012, p. 289).

Dessa maneira, decodificar a identidade de um território requer buscar saber como e por que as identidades se formaram ao longo do tempo. Na nossa investigação, foi o que

tentamos fazer escutando a Igreja, os religiosos e agentes do turismo em Vargem Grande. A seguir, seguem tais discussões.

3.1. Representação eclesial

É certo que a religião tem ações espaciais pelo domínio do território, como também estar presente no cotidiano espaço-temporal na circulação dos indivíduos e dos grupos sociais, interagindo de forma tangível e intangível.

O olhar da Igreja sobre a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus para o município de Vargem Grande é de uma grande “rede de fé”, por ser uma festa centenária, muitas transformações ocorreram e, principalmente, no número de fiéis. É perceptível que Vargem Grande ganha “vida” no tempo festivo, e o fluxo constante de pessoas, faz a entender, de forma geral, que todos ali estejam em prol da devoção.

E para entender melhor as concepções da Igreja sobre o território de Vargem Grande e da Romaria, foi realizada uma entrevista com o Padre Antônio Carlos (Figura 9), reitor e organizador da Romaria, em 2019. Para ele, o fenômeno religioso da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus apresenta um caráter de identidade cultural religiosa no município, pois integra outros representantes religiosos, os próprios moradores, entidades políticas, turistas e peregrinos. Em uma de suas respostas sobre sua concepção da importância da Romaria para o município:

Não tem como separar a história de São Raimundo com Vargem grande. A história do santuário dá mais que a própria história da cidade (Vargem Grande 81 anos; festa 185anos. Não se tem uma Vargem Grande se acabar a história de Mulundus. Perde a identidade. Ficaria sem identidade Vargem Grande sem o percurso histórico de São Raimundo Nonato (Pe. Antônio Carlos, 2019).

Mas que tipo de identidade ele se refere? Acreditamos que seja as relações de fé dos devotos para com a Romaria e as afetividades em devoção a São Raimundo Nonato dos Mulundus; e, por ser uma festa que resiste por vários anos, o movimento religioso foi sempre crescendo e ressignificando valores na representação simbólica do território religioso. Nesse modo, o município foi ganhando reconhecimento, identificação e, se tornando uma grande manifestação cultural religiosa na atualidade para o Estado do Maranhão.

Figura 9. Entrevista com o Pe. Antônio Carlos



Fonte: Lorena Moraes, 2019.

Em uma das questões levantadas (Apêndice 1) a respeito da santidade das terras de Vargem Grande, o Pe. Antônio assim nos respondeu: *“deveria ser, pela questão dessa região ser um local de romaria e devoção. Falta espiritualidade para ser uma terra santa. Em relação a bênçãos e na quantidade de peregrinos, é uma terra santa”*. Em relação à “falta de espiritualidade”, o padre parece se referir aos devotos que aparecem somente no período festivo, e ao mesmo tempo faz uma comparação da quantidade de fiéis numa missa aos domingos e a quantidade de fieis em agosto; então, na sua visão, a falta de espiritualidade está na falta de busca constante em estar presente no local além dos dias da festa.

Com isso, o olhar de um representante da Igreja sobre a manifestação religiosa que ele coordena, é mais ampla. Ele afirma que o município de Vargem Grande não seria reconhecido ou não teria identidade referente à identidade religiosa, se não tivesse a tradição da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus. A representação que a festa tem sobre o município é o maior simbolismo, não somente da sacralidade espacial, mas também dos itinerários simbólicos.

Em outra questão posta sobre a definição do itinerário simbólico da procissão pelas ruas da cidade, o Padre Antônio assim se colocou: *“é tradição. Se mudar hoje, é procurar*

briga com os moradores, além de respeito a cultura". Deste modo, "os itinerários simbólicos constituem meios pelos quais essa comunidade é realizada. Esses itinerários são parte integrante da espacialidade humana, associadas a práticas impregnadas de simbolismo". (CORRÊA, 2016, p.146), com significados, vivências e experiências. Se for recolocado esse trajeto de devoção em outro circuito, como as romarias e as procissões, seria tirar uma parte que compõem uma tradição religiosa e um significado sagrado para muitos fiéis e, por ser um dos elementos que constitui a identidade dos religiosos, agentes espaciais cujas percepções trataremos agora.

3.2. Romeiros e peregrinos

A cada ano o número de devotos, peregrinos, romeiros e turistas crescem. E a organização a Igreja sempre busca formas de dar um pouco mais de conforto e atender a crescente demanda, cada devoto expressa um sentimento e dá significação a sua experiência perante o sagrado, no caso, a São Raimundo Nonato dos Mulundus.

Muitos podem se identificar com a história, com as características do santo ou por ter conhecido mediante os outros devotos, ter se familiarizado com a fé ou pela graça atendida e por isso, se tornado fiel. Colocando relações efetivas, dos agentes espaciais religiosos, a partir de suas experiências nos territórios religiosos, esses agentes espaciais, "essa relação fundamental do grupo social com sua "geografia", sob a forma de participação, de circulação de vida, de celebração é mantida, fortalecida, pelas cerimônias e festas" (DARDEL,2015, p.58). Assim, cada um busca uma forma de se aproximar do sagrado.

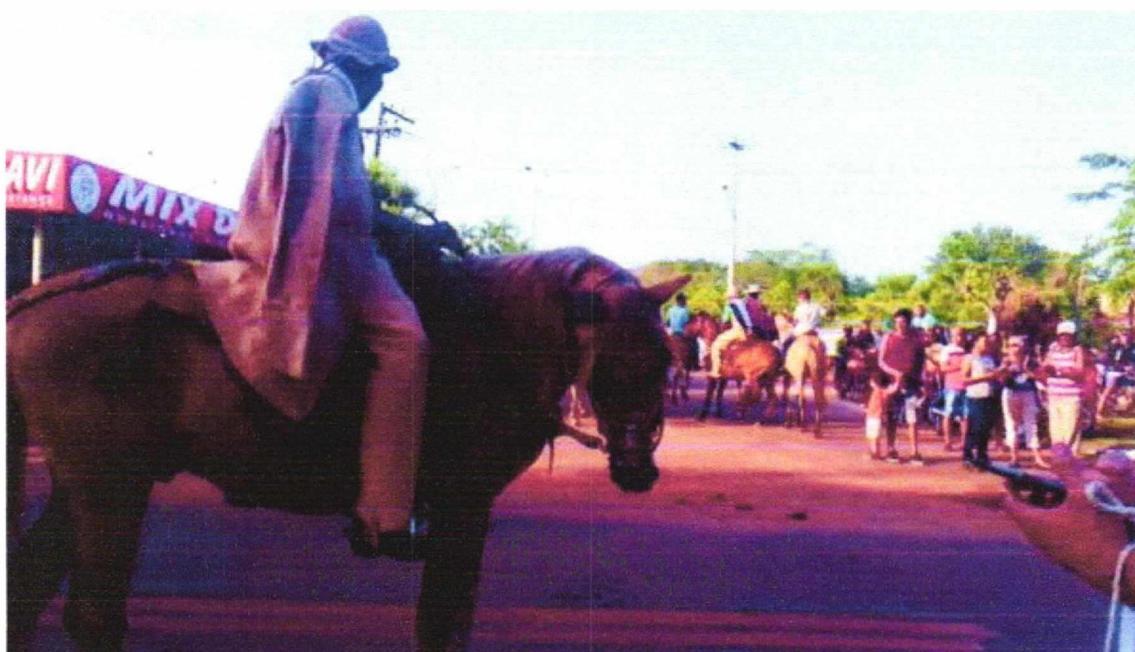
A questão da identidade aqui empreendida, não se atribui somente na forma espacial concreta, mas também na identidade simbólica espacial e os itinerários, em destaque para as procissões, as romarias e as promessas, estacadas no espaço e no tempo, que representa um ato de culto externo de devoção e sentimento religioso de louvor, súplica, penitência ou agradecimento, e sendo um importante momento da festa religiosa (ROSENDAHL, 1996; 2018).

Uma característica acompanhada no trabalho empírico é a romaria feita na modalidade a *cavalo*, cavalgada realizada no primeiro dia da festa rumo à comunidade Paulicas. Um grupo de vaqueiros vai à frente da romaria, e chegando no destino do trajeto, ocorre a tradição

de batizar o grupo. Nesse contexto, muito se caracterizam (Figura 10) com as vestes de um vaqueiro representando São Raimundo Nonato dos Mulundus. Esta concepção pode ser entendida como:

A leitura de um mito não é apenas literária ou estrutural: ela se torna também espacial. A geografia dos lugares visitados pelo herói civilizador, o santo ou o guru, os itinerários que ele percorreu e os locais em que revelou seu poder mágico tecem uma estrutura espacial simbólica, que compõe e cria o território (BONNEMAISON, 2012, p. 288).

Figura 10: Devoto caracterizado de São Raimundo Nonato dos Mulundus



Fonte: Própria autoria, 2019.

Assim entendido, que a partir dessa figura heroica representativa, que muitos devotos tem esse sentimento de querer se vestir de acordo com a figura homenageada. Cada símbolo, a vestimenta, o cavalo, dão a sensação de presença e atribuem uma significação pessoal, é tomar para si uma materialização da espiritualidade e devoção. Em que na figura do vaqueiro, como modelo de coragem dos encouraçados, de luta, a roupa de couro impenetrável que protege dos perigos; e o cavalo, como modelo de força, liberdade e poder.

Esta representação de vaqueiro pode ter várias significações, tais como: um devoto pagando uma promessa; um fiel que, por amor ou por ter uma ligação com a figura do santo, imagina se transformar no próprio santo para ter um contato transcendental; ou um morador

local que presta uma homenagem à referida figura santa. Mas também, pode ser um morador local, por amor e devoção quer, ao mesmo tempo, homenagear e receber bênçãos na ação de vestir-se como São Raimundo Nonato dos Mulundus.

Foi possível observar durante o trabalho empírico que diversas pessoas, sendo adultos e crianças, com as vestes representativas do *santo vaqueiro*. Uma ação que chamou bastante atenção foi um devoto, um senhor que aparentava ser de uma idade avançada, que estava celebrando e participando da romaria à Paulicas em frente à sua casa, porém enquanto a procissão passava, ele estava, com a ajuda de seus familiares, colocando as vestimentas representando um vaqueiro, e seguiu acompanhando a romaria. Desse modo, “ir em romaria a um lugar santo, em devoção, é uma prática que pode acrescentar valores à vida do homem religioso” (SOUZA, 2018, p.83), valores pessoais de graça, de devoção, de resistência e de seguir com a tradição para as gerações futuras.

O valor que cada romeiro e peregrino tece com os itinerários simbólicos e, nos caminhos de devoção é o que dá significação e singularidade fundamental aos espaços religiosos, vividos individual e coletivamente, comportando uma identidade territorial que pode se fazer ou não turística. No tocante a Vargem Grande, enxergamos o potencial.

3.3. Agentes turísticos e comércio religioso

Os turistas também têm importante participação na modelagem espacial. No entendimento de turismo como uma atividade de deslocamento, esses agentes turísticos podem ser os devotos (romeiros e peregrinos), os turistas devotos (aqueles que vão para a prática religiosa, porém estão em busca de outras fontes de entretenimento) e os comerciantes que estão no espaço sagrado e no espaço profano.

É interessante observar a dinâmica que acontece na Praça da Matriz, em dia de festa, várias atividades acontecem simultaneamente, enquanto comerciantes circulam com seus produtos com as ruas adjacentes ao santuário interditadas (Figura 11), ao fundo é possível ouvir o tilintar do sino em sinal de início da missa.

Figura 11: Rua São Raimundo interdita por vendedores de confecções



Fonte: Própria autoria, 2018.

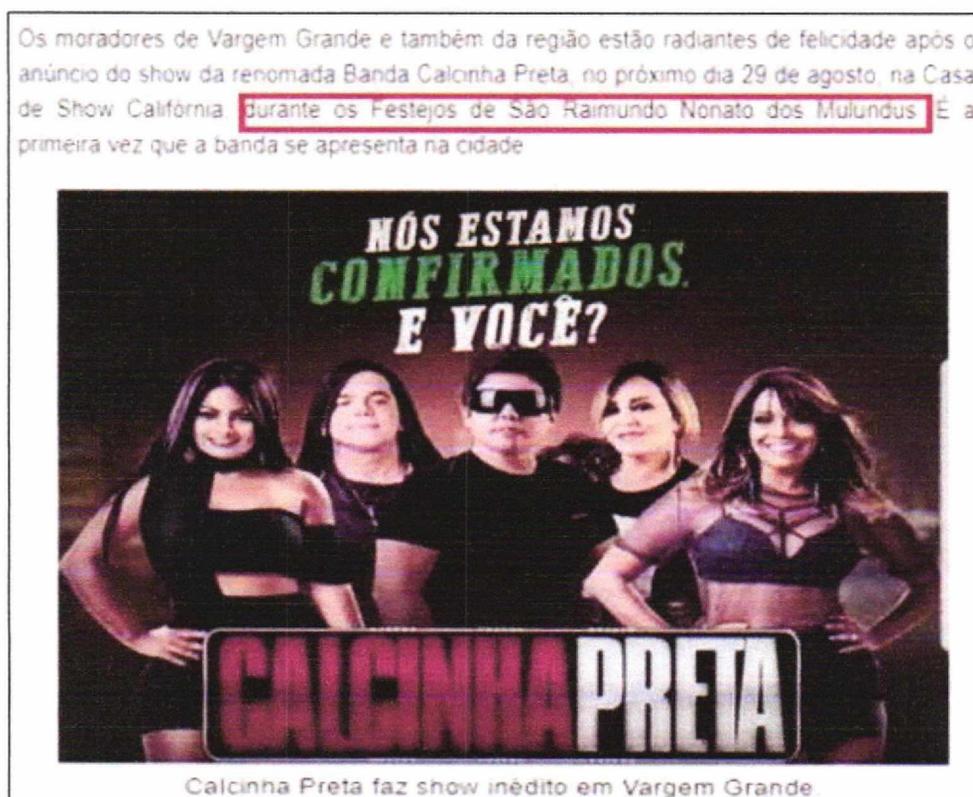
Para o grupo de comerciantes, a festa religiosa é uma alternativa de vender seus produtos e obter renda, o que vai desde a venda de artigos religiosos, artesanatos, brinquedos a remédios caseiros. Das ruas adjacentes ao santuário, quatro são interditas para oportunizar ambiente de trabalho para esses vendedores, fora aqueles que ocupam parte da Praça da Matriz sob permissão da Igreja, que liberam um espaço por um determinado valor para os comerciantes, muitos que ficam na praça são para venda de alimentos e artigos religiosos.

Em conversa com uma dessas vendedoras de alimentos em 2019, que mora em São Luís-MA, ela afirma que está ali só para vender, sendo protestante, descrente na religião católica, mas respeita, porém, seu único objetivo é poder obter um lucro extra. Com isso, “os comerciantes e barraqueiros apresentam uma forte mobilidade espacial. Estão presentes, no decorrer do ano, em diferentes festas religiosas das cidades próximas” (ROSENDAHL, 1996, p.75), encontramos muitos desses comerciantes que seguem as festas religiosas pelo Nordeste.

Na comunidade Paulicas também identificamos comerciantes com essa finalidade. Com isso, para cada desses agentes espaciais, esses territórios religiosos significam diversas maneiras de exercer seus trabalhos, ou seja, são espaços que emitem e atraem diversas possibilidades de ação e reação desses agentes no espaço geográfico. Nesse contexto, estão as festas vinculadas ao sagrado, mas que estão no espaço profano. Ao longo do trajeto até

Vargem Grande é possível ver diversas divulgações de festas sendo de grande porte (Figura 12), e aquelas festas realizadas pela população (Figura 13).

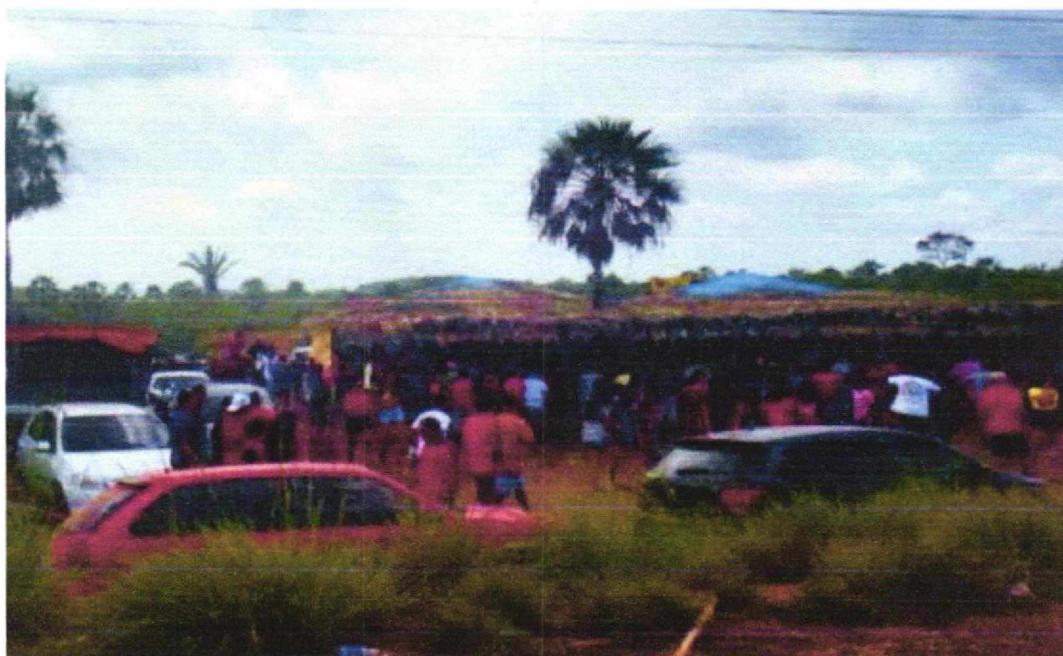
Figura 12. Divulgação de festas nos dias da Romaria



Fonte: Blog Alpanir Mesquita, 2018.

Vale destacar que estas festas, que não estão diretamente ligadas à igreja e ao festejo no seu âmbito sagrado, acontecem durante a realização da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, ou seja, essa mobilidade dá ao município outro significado, além do reconhecimento do movimento religioso, podemos interpretar como “a cidade de grandes festas” ou “a cidade de grandes vendas”.

Figura 13. Barracões de festas próximo à comunidade Paulicas



Fonte: Própria autoria, 2018.

No entanto, compreender que as presenças das diversidades de comerciantes também atribuem um significado àquele território, pois os produtos referem-se de diversas origens. Então a identidade territorial composta por esses agentes está na diversidade de concepções que compõe o território, desde as redes que se entrelaçam na praça da matriz aos vaqueiros que vão pedir bênçãos e aos vendedores de artesanato. Cada um possui característica particular e juntos organizam os sentimentos e visões e as *peças* que formam o *quebra-cabeça* da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus. Desse modo, para reforçar o entendimento:

Assim, a construção da identidade se dá pelas múltiplas relações territoriais que são reconhecidas pelo indivíduo, envolvendo as obras materiais (monumento, organização urbanística, templos, casas, ruas) e elementos imateriais (canções, crenças, valores). [...] A construção da identidade territorial é definida por identidades sociais presentes no território através de apropriações que os sujeitos fazem através de ideias, do espaço e da cultura. [...] Percebemos, assim, que a identidade territorial participa da construção da identidade pessoal pelas apropriações simbólicas do território e também pela vivência dos aspectos econômicos, políticos e sociais (DERROSO e CURY, 2019, p.69).

Acreditamos que além da formação histórica, social e geográfica que o território de Vargem Grande apresenta, os agentes espaciais são parte integrante na construção da

identidade simbólico-cultural do território, pois com os elementos representativos presentes no território como as formas simbólicas, os sujeitos (agentes espaciais) constroem e reconstróem suas percepções e suas identidades pessoais.

Nessa abordagem, identifica-se que o território religioso de Vargem Grande e seus múltiplos territórios (Mulundus, Paulicas e o Santuário de Vargem Grande), nas contribuições de Franca (2015) com influência do sociólogo alemão Ulrich Beck (1999), uma “identidade topoligâmicas” que é uma identidade territorial relacionada em dois ou mais territórios ao mesmo tempo.

A construção da identidade territorial se dá nas relações de apropriação simbólica dos sujeitos com seu território e pelas vivências nos aspectos econômicos, culturais, políticos e sociais. Cada indivíduo constrói uma definição de uma identidade pessoal, pois “conhecer seu território é na realidade conhecer-se a si mesmo e aos outros através da vivência do cotidiano e das formas como se materializam” (DERROSO e CURY, 2019, p.72) e, a partir das interações com seu ambiente os indivíduos “fabricam” identificações pelas múltiplas relações territoriais que os indivíduos estabelecem no seu cotidiano através dos símbolos materiais e imateriais constituídos no espaço (SAQUET e BRISKIEVICZ, 2009).

Segundo Derroso e Cury, 2019, um dos elementos que constituem a identidade territorial refere-se aos lugares onde há marcas com funções de preservar a memória cultural de um território. Nesse contexto, associamos na iconografia das ruas de Vargem Grande com o nome do santo, as caracterizações de homenagem, as romarias e peregrinações, as festas populares que detém do nome de São Raimundo Nonato dos Mulundus, direta ou indiretamente, são maneiras de recordar o passado e emitir mensagens identitárias.

Entretanto, os territórios que perpassam a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus é uma complexa pluralidade de modos de ver e viver o espaço geográfico, e ter o fenômeno religioso como uma mistura de elementos que se comunicam através das experiências sociais e da materialidade de significados. Assim, discutiremos as potencialidades que esses espaços podem emitir para uma possível concretização de atividades associadas ao turismo religioso.

CAPÍTULO 4: TERRITÓRIOS DEVOCIONAIS NA CONFIGURAÇÃO DO TURISMO RELIGIOSO

O interesse da Geografia pelo turismo está nas diversas manifestações espaciais que este fenômeno causa no espaço geográfico. Entende-se turismo como um deslocamento de pessoas por diversas motivações, mas também um “fenômeno sócio-espaço-cultural de grande valor simbólico aos sujeitos que o praticam e aos sujeitos que vivem nos lugares onde é praticado” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 11). A partir dessas motivações ocorrem trocas e a difusão de experiências.

Segundo Rodrigues (1992), o estudo do turismo pela Geografia iniciou na década de 1960, a partir do desenvolvimento acelerado do turismo, algo ligado ao avanço da economia e marcado pelo período pós-guerra nos países capitalistas. A partir do crescimento econômico e da produção de estratégias para o crescimento do capital, o turismo se tornou um dos meios para proporcionar dinamismo aos lugares e regiões.

Desse modo, sendo uma prática social que consome, interfere, transforma, produz o espaço, o turismo “revelou-se, todavia como um dos mais complexos fatores geográficos, e, também sociais” (CAVACO, 1970, p. 281), e se tornou uma das maiores mobilidades do mundo contemporâneo. Assim, a Geografia tem o papel de contribuir com as investigações acerca da atividade turística, sendo amplo o desafio, haja vista que:

O escopo do turismo é muito maior que a utilização dos atributos naturais e culturais para atrair visitantes. Seu raio de abrangência inclui inúmeras partes que contêm diferentes setores da indústria, do comércio, dos serviços, da organização comunitária local, do poder público, da construção civil, da mídia etc. Assim, a geografia que se foca no estudo do turismo tem pela frente um objeto diverso, em plena mutação, com muitos agentes, sujeitos e que auxilia na produção de um espaço caracterizado por uma efemeridade temporal de uso peculiar (SILVA, 2012, p. 49).

Neste contexto, em um viés mais estrutural, o turismo refere-se a um fenômeno que apresenta áreas de dispersão (emissoras), áreas de deslocamento e áreas de atração (receptoras), e são essas áreas que representam o espaço turístico (RODRIGUES, 1992), ou seja, não se pode pensar o turismo apenas como um fator externo, mas também como uma atividade que produz formas de comportamento e é capaz de emitir mensagens, de atribuir condicionantes para a utilização e formação do espaço (CASTROGIOVANNI, 2004).

Os agentes que compõem a atividade turística representam grupos heterogêneos de personalidades, origens demográficas, motivações, experiências e interações com o seu destino de viagens, além daqueles referentes às esferas institucionais do Estado, proprietários de grandes empresas e setores de comunicação (CORRÊA, 1995; CHOOPER *et.al*, 2000).

Em relação ao turismo religioso, porém, temos que apontar alguns aspectos que o diferencia das demais tipologias turísticas. A motivação e o destino são as principais delas. Nessa perspectiva, “a prática do turismo religioso parece se fundamentar com mais veracidade em lugares que possuem templos, santuários, dentre outras formas simbólicas e espaciais de natureza religiosa” (SOUZA, 2009, p. 48). Assim, este tipo de turismo apresenta um papel muito importante para a conservação e preservação de uma manifestação cultural religiosa de grupos que vivem e compartilham a experiência da fé.

Com o fluxo de pessoas modelando um território, atribuindo valores, ideias e significações religiosas, pode-se desenvolver o Turismo Religioso, que consiste em um turismo motivado pela religiosidade das pessoas, que abrange diferentes manifestações religiosas e que resulta na construção e dinamização do espaço geográfico. Assim,

O Turismo Religioso não é, necessariamente, um turismo feito por religiosos, místicos, santos populares, devotos e sacerdotes/profissionais de qualquer credo ou confissão religiosa. [...] Portanto, a correta definição para esse tipo de turismo encontra-se num exercício aproximativo. Trata-se de um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade. E é exatamente na religiosidade – no ato popular de professar o sistema de crenças chamado de Religião – que o Turismo Religioso pode ser comparado às peregrinações e romarias aos lugares sagrados, em momentos também sagrados (OLIVEIRA, 2008, p.01).

Trata-se, portanto, de um fenômeno turístico a partir do movimento religioso e como os espaços se transformam a partir da circulação das pessoas, sendo aquele turismo “empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participação em eventos de caráter religioso. Compreende romarias, peregrinações e visitação a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas” (DIAS, 2003, p. 17).

Segundo Sousa e Pinheiro (2014), os agentes participantes do turismo religioso são os “peregrinos” ou “turista peregrino” e o “turista religioso”; sendo o primeiro motivado pela fé, na qual o significado da sua viagem é estar em comunhão, visitando lugares sagrados e dedicando-se aos ritos eucarísticos; já o “turista religioso” é aquele que mescla as atividades religiosas e outras atividades recreativas. Assim sendo, os turistas religiosos, de forma geral, usufruem dessa atividade como qualquer outro turista, pois são consumidores de serviços e

bens simbólicos. Vale ressaltar, assim, este turismo que, de maneira significativa, pode se aproveitar do sagrado no que toca ao desenvolvimento econômico local.

Em Vargem Grande, por exemplo, no período festivo, muitas pessoas se deslocam sendo romeiros, peregrinos, comerciantes e visitantes, onde cada um atribui significado na sua interação com o ambiente, e, assim, “as peregrinações se tornam uma dupla fonte geradora de renda, enquanto fornecedora de consumidores em potencial e como atrativo turístico em si” (CARVALHO, 2015, p.26-27).

A partir dessas concepções e de nossas vivências em campo, podemos dizer que em Vargem Grande não tem um turismo religioso consolidado, mas é um município que apresenta áreas com fortes potencialidades para o desenvolvimento da atividade. Tomando como frente à Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, nessa seção discutiremos as potencialidades de três territórios religiosos que o município apresenta e que podem ser cabais para a configuração do turismo religioso.

O município, além, da festividade religiosa, apresenta movimentos culturais de destaque como o carnaval, com shows de grandes nomes da música sertaneja da atualidade¹, que atrai grande demanda de turistas nesse período. Além desse atrativo cultural religioso, há marcas históricas de eventos importantes que fazem parte do desenvolvimento do estado do Maranhão e de Vargem Grande. Com isso, atrativos culturais, naturais e históricos são pontos de influência para uma estruturação e consolidação da atividade turística ali.

Para compor as nossas reflexões a respeito mais especificamente às questões relacionadas ao turismo religioso (Apêndice 2), desenvolvemos, em 2019, uma entrevista com o senhor Raimundo Barroso (Figura 14). Nascido em Vargem Grande, atualmente residindo em São Luís, este agente é um nome significativo na construção de ideias voltadas para o turismo daquele lugar. De família devota a São Raimundo Nonato, nasceu e cresceu em meio às tradições da Romaria em destaque. Com isso, sua família obteve forte influência nas organizações e planejamento da festa. Fez parte da Equipe de Especialistas Orientadores e Colaboradores do Instituto Simplício Oliveira (ISO), uma ONG fundada em 1993 no município de Vargem Grande com o objetivo de fomentar o desenvolvimento turístico-

¹ Vale destacar que devido à pandemia de COVID-19 as festividades foram suspensas no ano de 2020, o que impossibilitou conseguir a *fala* de outros agentes espaciais. Assim, as análises que aqui são feitas são referentes às pesquisas dos anos de 2018 e 2019.

cultural local através da educação, cultura, arte. Através da ISO e a Secretaria de Turismo e Cultura de Vargem (SECTUR/VG) organizavam ação referentes ao turismo religioso.

Figura 14. Entrevista com Raimundo Barroso (agente turístico)



Fonte: Arilson Souza, 2019.

De acordo com seu depoimento, Vargem Grande tem potencial para ser um dos polos turísticos de grande importância para o desenvolvimento socioeconômico tanto do município quanto do Estado. Foi realizado em 2017, por meio da SECTUR/VG, em parceria com o Instituto Símplicio de Oliveira, com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e com a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), um workshop com apresentações de trabalhos acadêmicos com foco em divulgar a importância econômica, social, cultural do turismo religioso em Vargem Grande. Com isso também se quis obter mais investimentos.

Sobre essa pauta, atentemos para a fala do nosso colaborador da pesquisa:

Procuramos fazer um seminário sobre São Raimundo Nonato; fomos atrás de trabalhos acadêmicos na UFMA, UEMA, CEUMA. Queríamos, sobretudo, fundamentação teórica [...]. Conseguimos alguns materiais pra esse Workshop que aconteceu em dezembro de 2017. A ideia era crescer e levar adiante, mas a política não apoiou muito.

Os workshops tinham o intuito de apresentar estratégias para a consolidação do turismo religioso em Vargem Grande e para a adesão da SECTUR/VG ao Pólo do Munim referente aos polos turísticos desenvolvidos pela Secretaria de Turismo do Maranhão juntamente com o Ministério do Turismo. O Maranhão apresenta dez polos turísticos, sendo que cada um desses é classificado por categoria de influência para o Estado (Tabela 1).

Tabela 1: Polos Turísticos do Maranhão

Polos Turísticos	Categorias
São Luís	Indutor
Chapada das Mesas	Indutor
Lençóis Maranhenses	Indutor
Delta da Américas	Indutor
Munim	Estratégico
Floresta dos Guarás	Estratégico
Lagos e Campos Floridos	Estratégico
Amazônia Maranhense	Desenvolvimento
Cocais	Desenvolvimento
Serra Guajajara, Timbira e Canela	Desenvolvimento

Fonte: Elaboração própria (2021). Adaptado: Secretaria de Turismo do Maranhão.

Por meio do workshop, uma das grandes conquistas esteve no fato de que Vargem Grande foi inserida entre as cidades que fazem parte do Polo Munim (Tabela 2). Façamos daí uma observação: a inserção se deu como categoria *Estratégica*, ou seja, segundo a esta interpretação, diz respeito a um destino que apresenta recursos atrativos e que merecem investimentos, para que, assim, possam ser fortes indutores do turismo naquele território.

Tabela 2: Municípios inseridos no Polo Turístico do Munim/MA

Polo Munim/MA	
Municípios	Axixá
	Icatu
	Rosário
	Cachoeira Grande
	Morros
	Chapadinha
	Vargem Grande
	Nina Rodrigues
	Cantanhede

Fonte: Elaboração própria (2021). Adaptado: Secretaria de Turismo do Maranhão.

Os workshops visavam atrair os olhares do poder público e também para dar mais credibilidade às produções de trabalhos acadêmicos e atenção na abordagem da questão turística em Vargem Grande, pois: *“se o Workshop tivesse continuado nós teríamos transformado a região de Vargem Grande num polo turístico. Não conseguimos por causa da questão econômica financeira do país”*, nos disse o senhor Raimundo, que ainda concluiu: *“conseguimos todos os pré-requisitos para participar do polo. Estamos propensos a perder o polo, pois não houve a continuidade do roteiro do projeto”*.

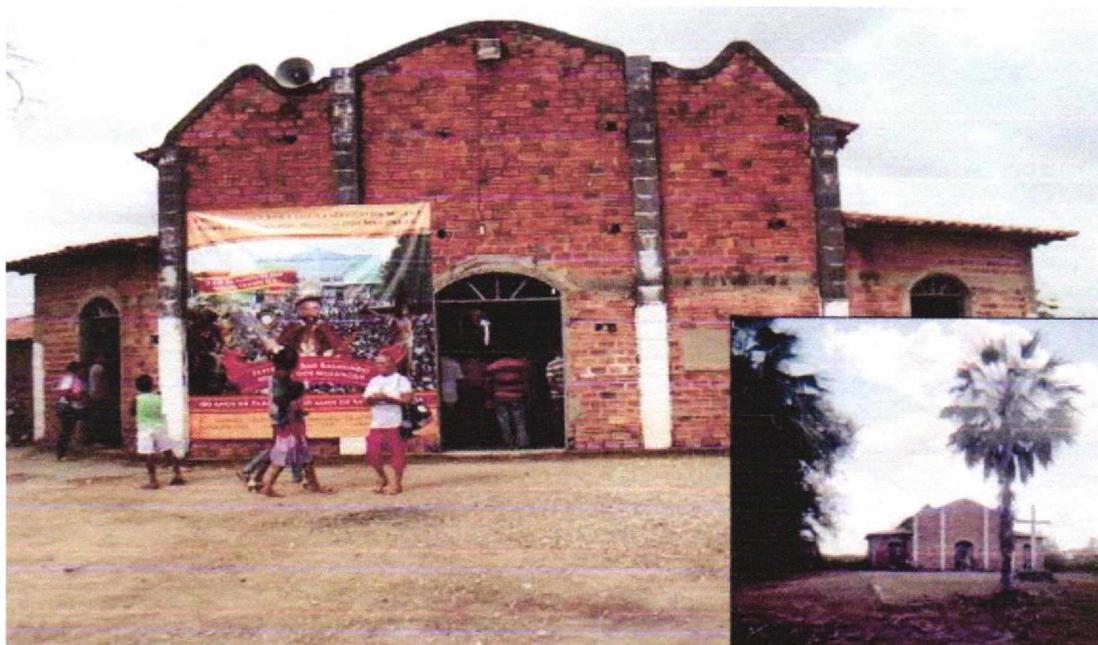
Com as discussões problematizadas pelo senhor Raimundo Barroso e pelo Pe. Antônio, referentes ao turismo religioso em Vargem Grande, pensamos que valerá muito ensejar alternativas que proponha a configuração de um roteiro turístico e religioso que visasse recontar a história de São Raimundo Nonato dos Mulundus, rerepresentando, assim, os territórios religiosos que constituem a Romaria. Entendemos que cada um desses territórios religiosos dispõe de ricas histórias e culturas, que por isso mesmo merecem fazer parte do conhecimento das visitas do público em geral. São eles: o povoado Mulundus, a sede de Vargem Grande, com grande incidência simbólica do Santuário de São Raimundo Nonato dos Mulundus, e a comunidade Paulica.

4.1. Povoado Mulundus

O povoado Mulundus tem um grande valor para a comunidade tradicional devota de São Raimundo Nonato, pois traduz bem as lutas e resistências da cultura popular frente às vozes oficiais da Igreja Católica, que tem consigo o poder de dizer o que segue como festa ou não, o que é ou não sagrado. Algo do tipo aconteceu em Mulundus em 1929, mas o povo insistiu e continuou a cultivar festivamente o “santo vaqueiro” (MESQUITA, 1997).

Mesmo com as realocações da Romaria de Mulundus para Vargem Grande, o povoado ainda carrega uma intensa herança simbólica e, de acordo com a classificação dos santuários feita por Oliveira (2004, p.55), entendemos que Mulundus apresenta um Santuário Tradicional (Figura 15), pois, permanecem ligadas às paisagens naturais que lhes deram origem, e há uma significativa relação com os costumes do campo e discurso religioso-popular.

Figura 15: Santuário do Povoado Mulundus em 2015



Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Hoje, a festa em Mulundus (Figura 16) acontece entre os dias 22 a 31 de outubro. A mesma é iniciada com uma grande procissão, mantendo a tradição da caminhada a pé e com devotos acompanhando a cavalo, e tem como ponto de partida o Povoado de Nova Olinda.

Fato é que, sabiamente, a Igreja mantém a festa em Mulundus, e a realiza cerca de dois meses depois da realização da festa na sede de Vargem Grande (em agosto).

Figura 16. Procissão no Povoado Mulundus



Fonte: Instagram Devotos de São Raimundo, 2019.

No que se refere ao tema turismo, o território do povoado Mulundus não é apresentado como uma área de visitação com esta finalidade, e, na nossa concepção, isso é uma falha. Por ser aquela a terra onde nasceu e viveu o vaqueiro Raimundo dos Mulundus, as visitas turísticas não podem deixar de ser pensadas para ali. É, sem dúvidas, o território religioso que mais condensa a tradição oral da cultura religiosa do “santo vaqueiro”.

Em todo caso, entendemos que as mudanças, ano a ano, não esvaziou o povoado de sua marca simbólica maior – o mito de origem de São Raimundo Nonato dos Mulundus –, que até hoje condensa histórias de vidas contadas e escutadas com relação aos milagres do santo, bem como a própria história da vida que o vaqueiro Raimundo levava. Ali se conta que “São Raimundo Nonato dos Mulundus, o vaqueiro, tinha pai rico e esse queria que o filho fosse um grande fazendeiro, mas ele saía para evangelizar, por causa disso colocaram um cadeado na boca para que não o fizesse” (SOUSA, 2016, p. 74), também se propaga que ele fora um

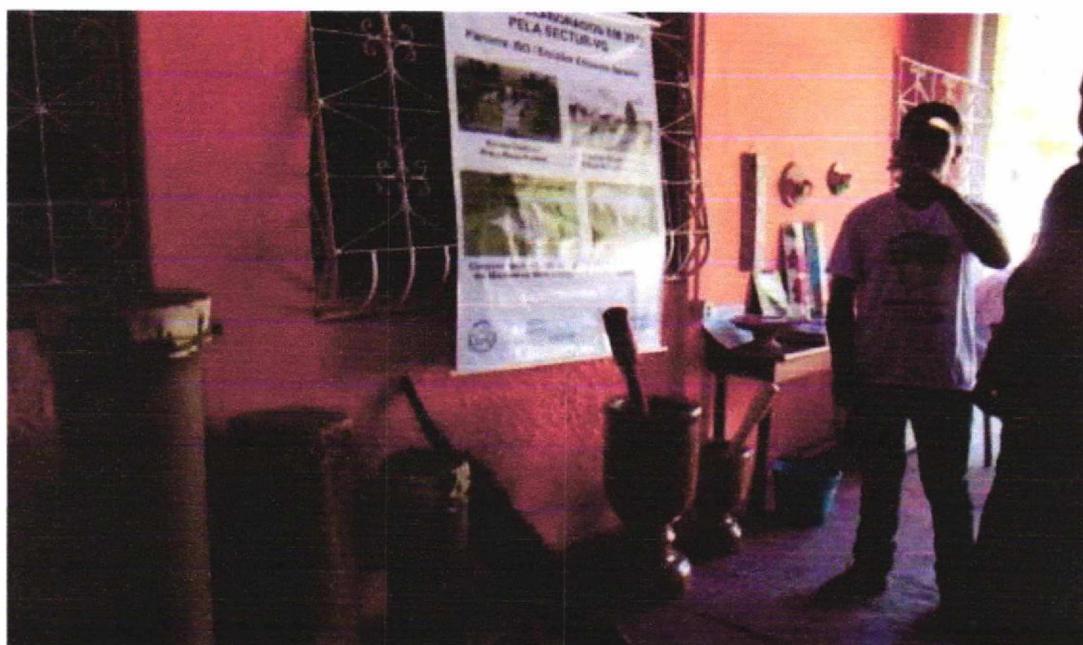
vaqueiro escravo, como também se diz que ele era de uma família pobre. Ao geógrafo não cabe tentar encontrar a verdade desses enredos, e sim iluminar tal polivocalidade.

Nesse contexto, voltado para a potencialidade cultural religiosa que o Povoado Mulundus oferece, é possível fazer um turismo religioso desenhado na trajetória do “santo vaqueiro”, colhendo e tratando informações dos moradores mais antigos sobre o significado da religiosidade para o povoado, valorizando as riquezas simbólicas presentes. Com isso, é aceitável vislumbrar políticas públicas no povoado com o intuito de melhorar as estruturas e valorizar o patrimônio cultural local, que é também municipal, na medida em que, simbolicamente, se estende e se entende o referido patrimônio como sendo vargem-grandense.

4.2. Sede de Vargem Grande

Em 2018, no primeiro contato com a festa, colocamo-nos como pesquisadores e também agente participante da Romaria. De pronto, nos chamou a atenção um de um stand da Secretária de Turismo do município (Figura 17). Nessa área tinha banners a respeito da história da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, com apresentações orais e informações gerais pautadas em folhetos e em livros que poderiam ser ali adquiridos.

Figura 17: Espaço de divulgação da SECTUR para acolhimento de turistas



Fonte: Própria autoria, ago. 2018.

Já nos referimos a festa ali, diríamos que a mesma tem outra estrutura se comparada a Mulundus e Paulica, que será apresentada a seguir. Em Vargem Grande é possível identificar mais espaço, comodidade, composições tecnológicas, um nível maior de organização, patrocínios e estratégias para atrair e fazer com que o turista permaneça por mais tempo. Pelo menos no em torno da Praça da Matriz identificamos quatro hotéis/pousadas –Pousada Yuri, Pousada Thalajuy, Hotel Guimarães e Hotel Iguará –, que esgotam as suas vagas durante o período festivo além de restaurantes e pequenos comércios que dão suporte aos religiosos.

Apesar de todas as modificações que o festejo de São Raimundo Nonato dos Mulundus conheceu, ao parece que, a cada ano, mais pessoas são atraídas, o que, conseqüentemente, pode gerar um arsenal de possibilidades ao município e à Igreja em se tratando de configuração de um destino turístico-religioso. Neste cenário, comumente, às noites, ocorrem celebrações de missas e shows musicais de natureza católica com grande estrutura de palco, som e iluminação (Figura 18).

Figura 18: Shows organizados pela Igreja (2018 e 2019)



Fonte: Blog Acesso Cristão, 2018 e 2019.

Outro ponto de atração turística é o museu que fica dentro do Santuário, mais especificamente na torre ao lado da Igreja. Nesse museu, muito bem organizado, é cobrada uma taxa de R\$5,00 a entrada. Em seu conteúdo, mostram-se as evoluções do Santuário, os sacerdotes que ficaram responsáveis pela comunidade com fotos e as histórias que cada um dele vivenciou no período em tiveram como líderes eclesiais. Como não poderia faltar, são expostas também alguns utensílios referentes ao “santo vaqueiro”, como chapéu, a roupa de couro e ferramentas. Dali, do Santuário, o turista é contemplado por uma visão panorâmica da cidade (Figura 19).

Figura 19: Panorâmica da cidade do alto da Paróquia de São Sebastião



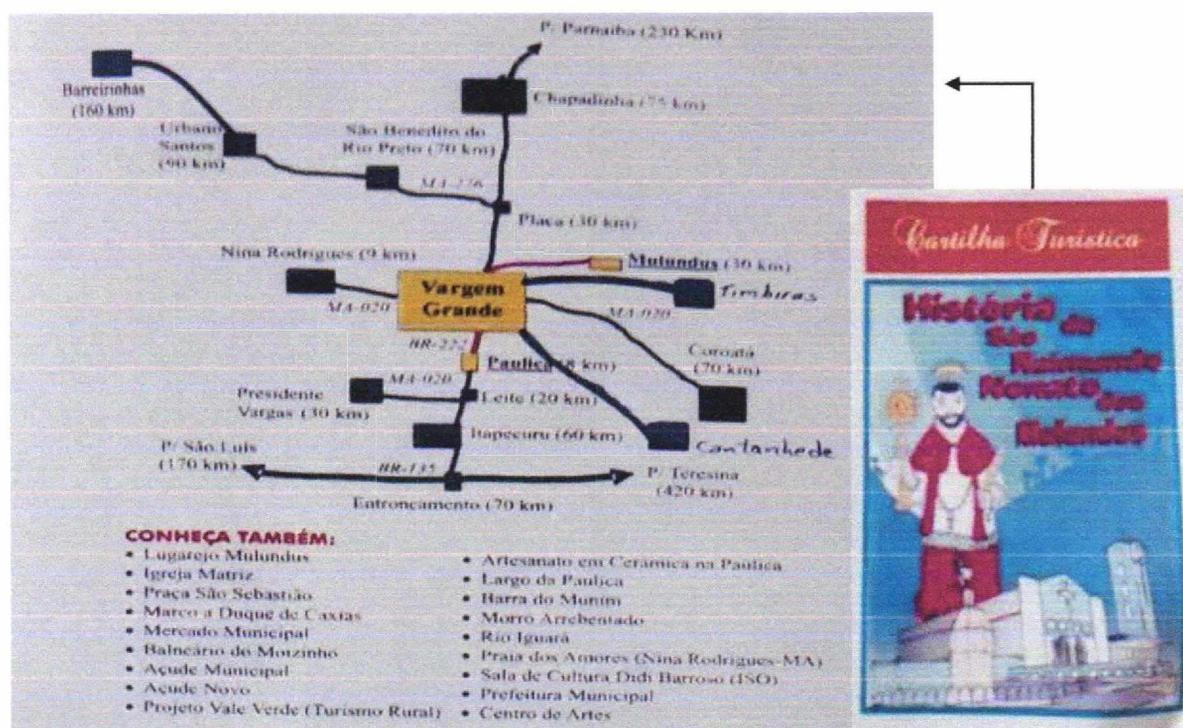
Fonte: Própria autoria, 2018.

Em contraste aos outros territórios religiosos, o Santuário de São Raimundo Nonato dos Mulundus é mais acessível ao acolhimento de turistas, pois tem uma organização e atrativos que possibilitam com mais tranquilidade a permanência e a circulação de pessoas e, assim, a movimentação da economia. Aliás, na escala da cidade, outros shows, para além daqueles de caráter religioso, movimentam tal território simbólico, no caso, menos sagrado, mas vinculado com a mensagem festiva. Citamos as pequenas movimentações em bares e as

festas de maior porte realizadas em clube. Notadamente, as radiolas de reggae se fazem presentes.

Considerando a centralidade simbólica da sede de Vargem Grande, do potencial geossimbólico do seu Santuário, não é novidade a proposição de um roteiro turístico que abrace a riqueza da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, isso foi gravado nas entrevistas que realizamos com o Pe. Antônio Carlos e o senhor Raimundo Barroso. Este último agente até nos passou uma cartilha que traduz parte das tentativas já realizadas nesta direção, que aqui ilustramos por meio da figura 20. Na oportunidade, já despontam as marcas dos territórios religiosos do povoado Mulundus e da comunidade Paulica.

Figura 20: Roteiro turístico



Fonte: Cartilha Turística São Raimundo Nonato dos Mulundus, 2019.

Desse modo, colocando em destaque a fala do Pe. Antônio na qual ele diz que “falta religiosidade em Vargem Grande”, é justamente para assinalar que esses territórios poderiam ter estruturas para atender turistas. Percebemos nas palavras do sacerdote uma crítica à falta de apoio o apoio do Poder Público “para fazer as coisas acontecerem” ali, pois além de não reconhecer as potencialidades que esses territórios apresentam, contribui para o não

conhecimento profundo da cultura popular, deixando de gerar, inclusive, empregos e renda para a população local. Alguns projetos já foram feitos, como a "Rota dos Balaio" e o "Circuito Empreendedor", organizados pelo Sebrae em 2018 com o intuito de fazer um turismo sustentável, porém, apreendemos que era um tipo de turismo voltado às questões históricas e pouco para as questões da cultura religiosa popular.

Por outro lado, foi possível identificar que o festejo desenvolve parcerias importantes para a sua realização, custurando investimos em estrutura, em atrações musicais e conseguindo espaço nas mídias sociais (Figura 21).

Figura 21: Patrocinadores do Festejo



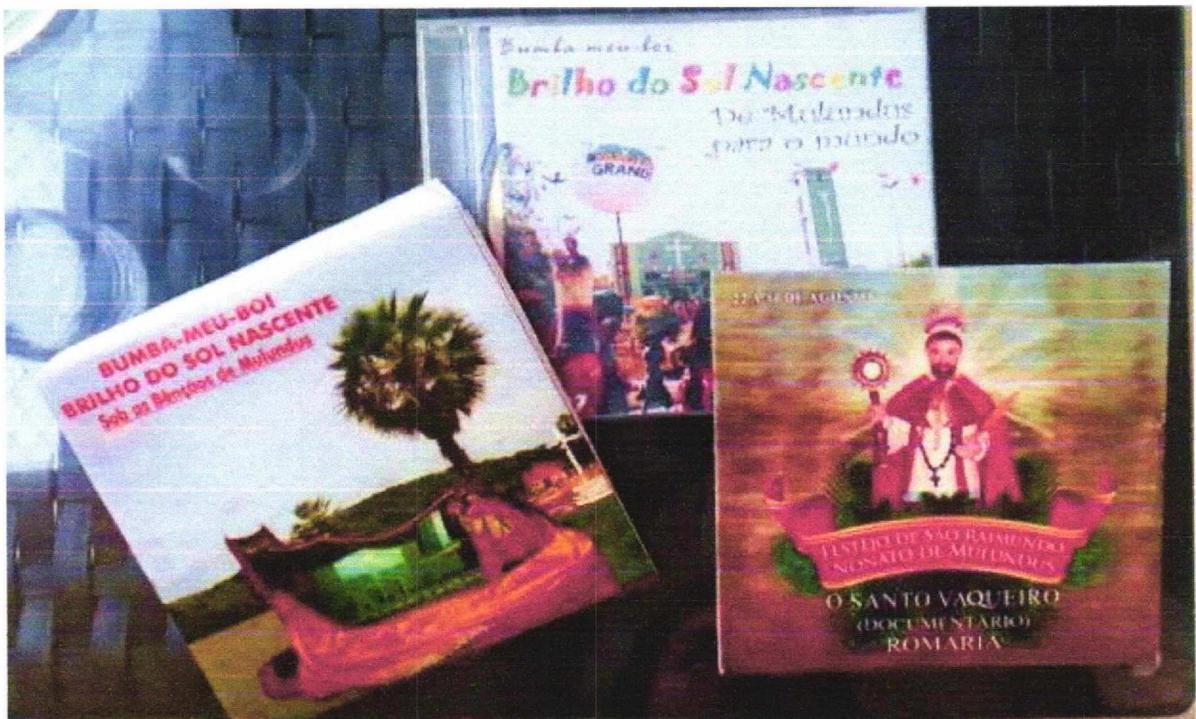
Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Dado todo este aparato de negociações já pré-estabelecido, as possibilidades para pensar o turismo religioso ganham margem. Acumulam-se criações que também concorrem para lançar luz às potencialidades de uma *Vargem Grande religiosa*. Destacamos o material midiático produzido sobre a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus (Figura 22), como cd's que contêm toadas de bumba-meu-boi, músicas que faz referência à história da devoção religiosa, com artistas maranhenses que homenageiam a festa e, assim, fortalecem-na em termos territorial-simbólicos, a exemplo de Djalma Chaves, autor da música *santa*

milagreiro, um dos importantes hinos dessa devoção. Ademais, revestidos de tal conteúdo, surgem ali dvd's, documentários, filmes, livros e literatura de cordel.

Alguns desses produtos, bem como outros, como xicaras, cadernos e camisas personalizadas, terços, frascos de água benta são vendidos na casa paroquial e no Santuário durante os dias de festa. Assim, o consumo dos bens símbolos é incentivado, o que permite que os turistas possam comprar, *guardar* e conhecer a cultura religioso do município, levando a sua mensagem para outras plagas.

Figura 22: Cd's sobre a história de São Raimundo Nonato dos Mulundus



Fonte: Própria autoria, 2019.

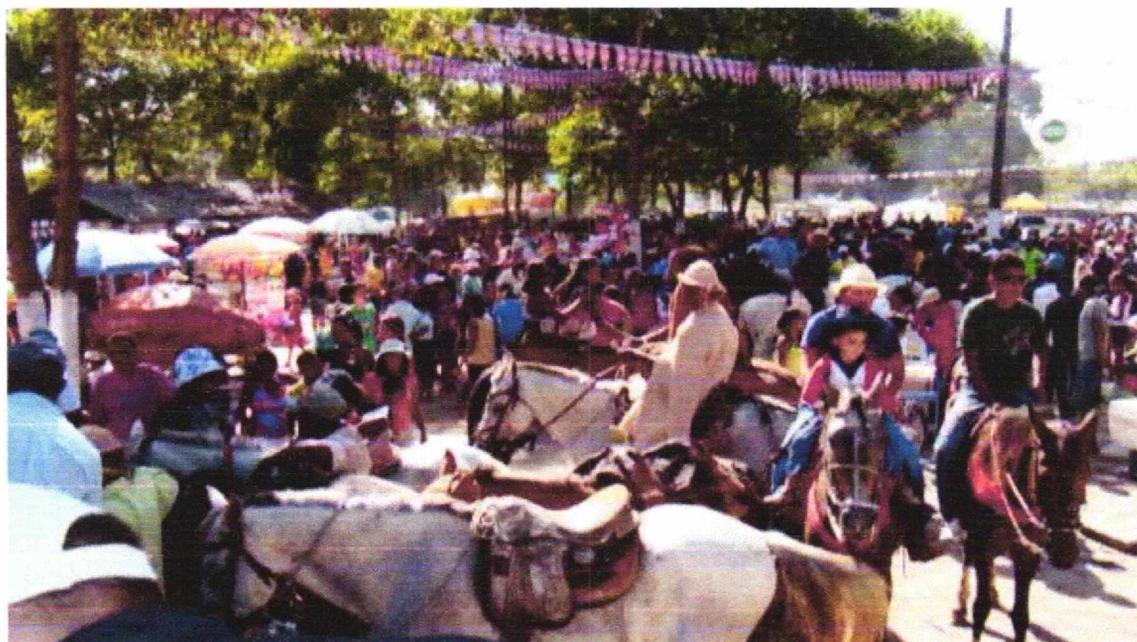
Agora, passemos a discutir sobre outro território com possíveis atratividades turísticas e também com forte peso na constituição da cultura religiosa representada pela Romaria do “santo vaqueiro”: a comunidade Paulica.

4.3. Comunidade Paulica

Paulica também integra o território do movimento religioso de Vargem Grande, tornando-se um singular símbolo sagrado durante o festejo. Lá acontece missa campal e uma peregrinação com a plasticidade do “aboio dos vaqueiros”, que representam cantos que os vaqueiros fazem contando histórias de suas vivências, e em homenagem a São Raimundo Nonato. Outro momento importante que acontece na comunidade é a missa dos vaqueiros, realizada no dia 25 de agosto, com forte apelo ao pagamento de promessas.

Além de ser um local de destino de muitos peregrinos, a comunidade Paulica, durante os dias de festa, também se transforma em uma espécie de centro comercial, com vendedores locais e de outras localidades. Dentre os produtos vendidos, destacam-se as frutas de origem rural-local, refeições, artesanatos, artigos religiosos, entre outros (Figura 23). De tal realidade, podemos pensar que “a respeito da organização espacial dos barraqueiros, que cada ponto do espaço se torna efetivamente importante devido ao movimento dos fieis” (ROSENDAHL, 2009, p.71).

Figura 23. Festejo na comunidade Paulica

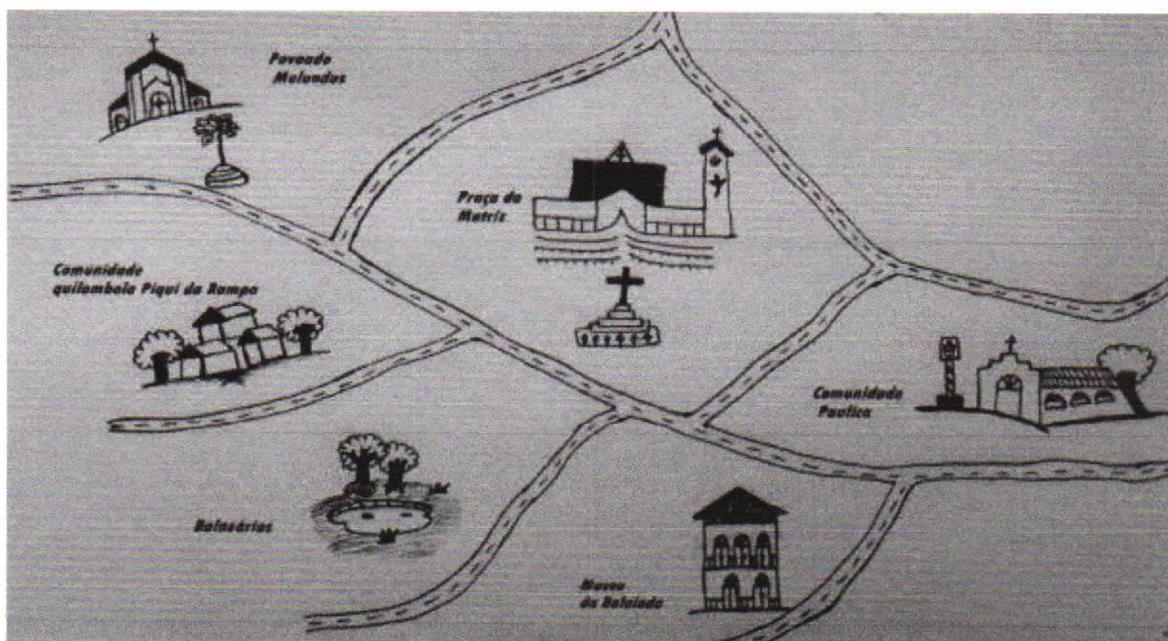


Fonte: Blog Pedro Fernandez, 2009.

Local estratégico, situado às margens da BR-222, a comunidade Paulica poderia ser um centro visitação de turistas e ter uma organização com pequenas estadias para romeiros e peregrinos, o que valorizaria ainda mais a cultura religiosa daquela terra. Todavia, reiteramos que isso só se tornaria possível uma vez que a Romaria fosse imaginada como um ambiente integrado entre territórios festivo-religiosos e riquezas históricas e naturais, a incluir açudes e balneários e o marco assentado em lugares que recontam a Balaiada, uma revolta popular que aconteceu no Maranhão (1838-1841) e comunidades quilombolas como Piqui da Rampa, que, segundo Carvalho (2015), realizam um festejo com tambor de crioula no mês de maio, considerada uma das manifestações culturais para os moradores como símbolo de resistência.

Propomos aqui a criação, ou seria a retomada do Roteiro Turístico São Raimundo Nonato dos Mulundus (Figura 24). Acreditamos que o desenvolvimento deste Roteiro pode fazer alavancar ganhos para Vargem Grande, mas também para todos os municípios que compõem a Região do Munim, o que requereria a participação efetiva destes para que tal configuração seja possível. Com isso, a estruturação do turismo religioso seria de grande importância para o desenvolvimento econômico, social e cultural dos municípios, em que cada ponto apresenta uma característica própria, mas que fazem parte de todo um conjunto que a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus oferece.

Figura 24: Proposta de Roteiro Turístico São Raimundo Nonato dos Mulundus



Fonte: Elaboração da autora, 2021.

De certo, pensar este Roteiro nos apetece e nos remete a várias possibilidades simbólico-temáticas em termos de turismo religioso. Como orientação, pontualmente, nos restringiremos a apontar o modelo estratégico sugerido por Machado (2020), que diz das investidas nas capacidades turísticas e terapêuticas dos santuários festivos marianos. Na sua tese de doutorado de cunho geográfico-cultural, a autora problematiza a noção de “paisagem terapêutica” com vistas a potencializar as visitas. Com isso, compreendemos que a questão terapêutica representa uma noção-valor estruturadora dos significados para com o território religioso. Ser devoto por estes preceitos envolve sacrifício, e mais do que isso, um tipo de sacrifício que precisa ser testemunhado perante o santo e os demais participantes da festa.

Por fim, a partir das intervenções propostas, lembramos que investir na atividade turística de um município não é tarefa fácil, porém, é necessário que haja etapas para o planejamento do turismo, que pode ser mais ou menos direcionado pelo modelo proposto por de Boiteux e Werner (2009), que segue em síntese: levantamento de inventários turístico, sinalizações turísticas, capacitação profissional (principalmente a valorizar a mão de obra local), postos de informação, parcerias com as agências de turismo, colaboradores do Poder Público e a sociedade civil agregando conhecimentos da legislação para a aplicabilidade de um turismo sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: até paro ano

Gostaríamos de considerar de início a contribuição que a Geografia Cultural pode proporcionar à Geografia, uma vez a primeira caminha no sentido de fazer superar abordagens positivistas e valoriza metodologias que realçam a capacidade humana de simbolizar o espaço geográfico, discussão esta extremamente pertinente aos estudos que se detêm sobre geografia, religião e turismo, como este que por ora está sendo *finalizado*.

Destarte, cabe, a partir de estudos empíricos, desenvolver investigações que envolvam fatores objetivos e subjetivos da vida e cultura humana, o que é fundamental para compreendermos as diversas interações sociais com o ambiente desenhadas pela religião e por homens religiosos. Nesse âmbito, as metodologias, sob a intenção de capturar o espírito dos lugares, as políticas das paisagens e os valores dos territórios, devem pregar pelos atos de saber ver, ouvir e sentir o fenômeno estudado.

Neste estudo privilegiamos discutir território e territorialidade religiosas a fim de nos aproximarmos da rica identidade espacial da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, Vargem Grande, Maranhão, que ao longo do tempo produziu singular atratividade popular. A Romaria mostra-se como um importante capítulo da história espacial do município, revelando um *mundo religioso* repleto de devoção, resistência cultural e projeção de futuro. Em meio a este cenário, o turismo religioso aparece em Vargem Grande como discussão de cunho territorial que merece ser problematizada. Isso foi o que objetivamos fazer nestas páginas, e é algo que, esperamos, possa ser ampliado por outros pesquisadores, seja na Geografia, seja em outros campos do conhecimento.

No tocante às discussões que alcançamos, brevemente, assim os colocamos: o território festivo da Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus, Vargem Grande, é um consagrado espaço sagrado no âmbito do catolicismo popular rural e urbano, mas que apresenta grandes desafios em termos de planejamento turístico, requerendo o fortalecimento de suas potencialidades e a revisão de suas intenções (o que inclui as imagens de mundo da Igreja, do poder público e do setor privado).

Por fim, ao adotarmos uma abordagem cultural em Geografia, propomos o Roteiro Turístico Religioso São Raimundo Nonato dos Mulundus, inserindo o conteúdo simbólico e mítico dos territórios da fazenda Mulundus, da sede de Vargem Grande e da comunidade Paulica, ora os tratando individualmente, ora como um todo. Defendemos, de tal modo, que

investir nesta empreitada pode acarretar desenvolvimento econômico, social e cultural à Região do Munim, fazendo com que a mesma tenha seus significados acrescidos.

Até lá: “até para ano”, numa *nova festa*, com *outros olhares* e, quem sabe, em *outra pesquisa*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECK, Ul. A reinvencao da politica: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. 1996. In: Beck, Ulrich; Giddens, Anthony & Scott, Lash, *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*, Trad. Magda Lopes, 1a edicao, Ed. Universidade Estadual Paulista, Sao Paulo, 2012.

BOITEUX, B; WERNER, M. **Introdução ao estudo do turismo**. Elsevier, 2009.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Geografia Cultural: uma ontologia (I)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 279-303, 2012.

CAMPOS, R. R. de. Breve análise de “A França de Leste”, de Vidal de La Blache. **Geo UERJ**, v. 2, n. 25, p. 172-208, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/10809>. Acesso em: 17/02/2021.

CAVACO, C. Geografia e turismo: exemplos, problemas e reflexões. **Finisterra**, v. 5, n. 10, 1970. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2443>. Acesso em: 01/02/2021.

CARVALHO, L.L. F. G. de. **O turismo religioso em Vargem Grande: uma alternativa para o desenvolvimento econômico da regional de Chapadinha/MA**. Dissertação de Mestrado – Universitat de València, 2015.

CASTROGIOVANNI, A. C. Existe O Espaço Turístico. **Seminário de pesquisa do turismo no Mercosul**, Caxias do Sul, 2004.

CLAVAL, P. A festa religiosa. **Ateliê Geográfico**, v. 8, n. 1, p. 6-29, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Paul-Claval/publication/272645363_A_FESTA_RELIGIOSA/links/5709c7a908aed09e916f9987/A-FESTA-RELIGIOSA.pdf. Acesso em: 24/12/2020.

COOPER, C; FLETCHER, C.J; FYALL, A; GILBERT, D; WANHILL, S. **Turismo: princípios e prática**. Bookman, 2000.

CORRÊA, R. L. O espaço urbano. São Paulo, **Ática**, 1995.

_____. Formas simbólicas e espaço – algumas considerações. **Aurora Geography Journal**, v.1, p.11-19, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13530>. Acesso em: 26/01/2021.

_____. Sobre a Geografia Cultural. **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**. 2009. Disponível em: <
<https://www.ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>. Acesso em 11/07/2020.

_____. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P.C.C; CORRÊA, R.L.C. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2016.

CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. 5º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 09-26, 2011.

CROSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 219-237, 2012.

COSGROVE, D.E; JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. 5º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 135-146, 2011.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: perspectiva, 2015.

DERROSSO, G; CURY, M.J. Elementos de uma identidade territorial: Um estudo de caso da cidade de Foz Do Iguaçu-PR. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 41, p. 65-85, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6053/4941>.

DIAS, R. O Turismo Religioso como Seguimento do Mercado Turístico. In: DIAS, R; SILVEIRA, E.J.S. da. (Org.). **Turismo Religioso: ensaios e reflexões**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2003.

DUNCAN, J.S. O supraorgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. 5º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil., p. 63-102, 2011.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes (Tópicos), 1992.

FERRETTI, S. **Os Roteiros da Fé no Maranhão**. 2008. Disponível em: <
<http://gurupi.ufma.br/jspui/bitstream/1/299/1/Roteiros%2520de%2520Fe.pdf>>. Acesso em 14/12/2020.

FICKELER, P. Questões fundamentais na geografia da religião. **Espaço e Cultura**, n. 7, 1999. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6988>. Acesso em: 03/03/2021.

FRANCA, M. M. F. H. C. M. **A expressão territorial da identidade religiosa da população católica portuguesa: estudo de caso da diocese de Coimbra**. 2015. Tese de Doutorado.

GILFILHO, S.F. **Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: Ibplex, 2008.

HAESBAERT, R. Des-territorialidade e identidade: a rede gaúcha no Nordeste. **Prefácio de Milton Santos**. Niterói, 1997.

_____. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Ituassu, A. (Org.); Tradução de Daniel Miranda e Wiliam Oliveira. Rio de Janeiro: Ed, PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LE BOSSÉ, M. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Geografia cultural: uma antologia**, v. 2, p. 169-187, 2013.

LÉVY, J. Qual o sentido da Geografia Cultural? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 61, p. 19-38, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S002038742015000200019&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 04/03/2021.

MACAHDO, I. C. B. **Dinâmica de lugares marianos: a devoção à Lourdes como estratégia turístico-terapêutica nos santuários festivos de Chaval (CE) e Lagoa do Piauí (PI)**. 165 f. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências. Departamento de Geografia, Fortaleza-CE, 2020.

MAIA, C.E.S. O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Geografia cultural: uma antologia**, v. 2, p. 169-187, 2013.

MESQUITA, Ilma Martins de. **O festejo de São Raimundo Nonato dos Mulundus em Vargem-Grande-MA**. São Luís: UEMA. Monografia de conclusão de curso de Licenciatura em História. 1997.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. [Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, C.D.M. **Turismo Religioso**. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. Turismo Religioso: uma breve apresentação. **Jornal O Lince**, ed.14 2008. Disponível em: http://www.jornalolince.com.br/2008/fev/agora/turismoreligioso_jornalolince_edicao14.pdf. Acesso em: 13/02/2021.

OLIVEIRA, J.R. de. Geografia, religião e mídia: novas interfaces do sagrado na era hipermoderna. **Revista de Estudos da Religião**, v. 19, n. 3, p. 55-77, 2019. Disponível em : <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/46927>. Acesso em 23/01/2021.

PRABHUPADA, AC. **Fácil viagem a outros planetas**. Tradução de Bhaktivedanta Book Trust (BBT) (2004). Disponível em: http://harekrisna.com.br/livros/facil_viagem.pdf

RODRIGUES, A.B. Geografia e Turismo: notas introdutórias. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 6, p. 71-82, 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47112>. Acesso em: 04/03/2021.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

_____. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 191-226, 2005. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/38.pdf>. Acesso: 19/01/2021.

_____. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

_____. Espaço, Cultura e Religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. 5º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 187-224, 2011.

_____. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Geografia cultural: uma antologia**, v. 2, p. 103-118, 2013.

_____. História, teoria e método em geografia da religião. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, N. 31, P.24-39, Jan./Jun. de 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6121>. Acesso em: 07/02/2021.

_____. **Uma procissão na geografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

SAQUET, M. A; BRISKIEVICZ, M. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 31, p. 3-16, 2009. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7437>. Acesso em: 18/02/2021.

SCHLÖGL, E; FILIZOLA, R; AQUINO, T.G. Religião, Lugar, Espaço e Território: um discurso geográfico sobre o sagrado no continente africano. **Interações**, v. 5, n. 7, p. 73-87, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3130/313027313005.pdf>. Acesso em: 13/01/2021.

SILVA, C.H.C. da. O turismo e a produção do espaço: perfil geográfico de uma prática socioespacial. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 47-62, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7334>. Acesso em: 13/01/2021.

SPOSITO, E.S. **Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SOUSA, A; PINHEIRO, C. O Papel do Turismo Religioso nos Territórios-Caso de Lamego (Portugal). **Revista Turydes**, v. 7, n. 17, 2014. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/turydes/17/lamego.html>. Acesso em: 17/02/2021.

SOUSA, M.S. **Ressignificação da Cultura Maranhense no Festejo De São Raimundo Nonato no Bairro Santa Luzia em Boa Vista / Roraima**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal De Roraima, 2016.

SOUZA, J.A.X.de. **A resignificação religiosa do turismo regional: um estudo geográfico-cultural do Santuário de Fátima da Serra Grande**. 164 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências. Departamento de Geografia, Fortaleza, 2009.

_____. Religião: um tema cultural de interesse geográfico. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 12, n. 1, p. 4, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4850637>. Acesso em: 09/01/2021.

_____. Peregrinação: o pé e o espaço para dar o passo. **Espaço e Cultura**, n. 43, p. 77-90, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/46779>. Acesso em: 13/03/2021.

WAGNER, P.L.; MIKESELL, M.W. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) Introdução à Geografia Cultural. 5° ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 27-61, 2011.

APÊNDICES

Apêndice 1. Roteiro de entrevista com o Pe. Antônio Carlos

**ESPAÇO, CULTURA E RELIGIÃO:
UMA ANÁLISE TERRITORIAL DA ROMARIA DE SÃO RAIMUNDO NONATO DE
MULUNDUS – VARGEM GRANDE-MA**

Gostaríamos, antes de tudo, de agradecer a sua disponibilidade em nos receber e por conceder esta entrevista. Somos do Curso de Geografia da UEMA (São Luís - MA) e fazemos parte do GEEC (Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura), o qual tem interesse de pesquisa sobre o tema Geografia e Religião.

- 1º. O que significa para o sacerdote padre Antônio liderar a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus (festa realizada há mais de 200 anos)?
- 2º. Na sua concepção, qual a representação que a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus tem hoje para o Estado do Maranhão?
- 3º. Em que contexto histórico Vargem Grande passa a ser reconhecida como uma terra de caráter sagrado (fazenda Mulundus – santo vaqueiro)?
- 4º. Como definir o fenômeno Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus em termos do seu complexo de agentes e significados?
- 5º. Quais significados São Raimundo Nonato dos Mulundus agrega à cidade de Vargem Grande?
- 6º. Como o padre percebe a relação entre a atividade turística e a religião (turismo religioso) em Vargem Grande?
- 7º. Na visão da Igreja, como atua a secretaria municipal que trata da organização do turismo em Vargem Grande?
- 8º. Como o senhor analisa a relação entre o sagrado e o profano nos dias de festa religiosa popular – como parece ser o caso da Romaria em questão?
- 9º. Como o senhor define a representação do evento social procissão no contexto da Romaria?
- 10º. O que representa a trama simbólico-espacial existente entre sede municipal (santuário), Paulica e Mulundus em termos de peregrinação (a pé)?

Agradecidos!

Professor Orientador: José Arilson Xavier de Souza (arilsonxavier@yahoo.com.br)

Ana Luzia Campos Silva (annamj58@gmail.com)

CURSO DE GEOGRAFIA – UEMA



Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura

Apêndice 2. Roteiro de entrevista com Raimundo Barroso (agente turístico)

**ESPAÇO, CULTURA E RELIGIÃO:
UMA ANÁLISE TERRITORIAL DA ROMARIA DE SÃO RAIMUNDO NONATO DE
MULUNDUS – VARGEM GRANDE-MA**

Gostaríamos, antes de tudo, de agradecer a sua disponibilidade em nos receber e por conceder esta entrevista. Somos do Curso de Geografia da UEMA (São Luís - MA) e fazemos parte do GEEC (Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura), o qual tem interesse de pesquisa sobre o tema Geografia e Religião.

- 1º. Por quanto tempo você desempenhou a função de Secretário de Cultura e Turismo de Vargem Grande?
- 2º. Para a Secretária, qual era o significado da religião e, conseqüentemente, da Romaria, na proposta de turismo ensejada pelo município?
- 3º. Vargem Grande desenvolvia outra tipologia de turismo? Além da “religião”, na sua concepção, o que mais o município tem de atrativo (turístico)?
- 4º. Na sua concepção, qual a representação que a Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundus tem hoje para o Estado do Maranhão?
- 5º. Quais significados o turismo religioso poderia agregar ao município de Vargem Grande?
- 6º. Como você avaliaria o turismo religioso hoje em Vargem Grande?
- 7º. Como você percebia a relação entre os promotores do turismo e a Igreja local para fazer alavancar tal atividade naquele espaço?
- 8º. Além dos agentes da economia local, quem mais financiava o projeto de turismo religioso de Vargem Grande?
- 9º. Para você, o turismo em Vargem Grande tem escala nacional e internacional, ou somente regional/estadual?

Agradecidos!

Professor Orientador: José Arilson Xavier de Souza (arilsonxavier@yahoo.com.br)

Ana Luzia Campos Silva (annamj58@gmail.com)

CURSO DE GEOGRAFIA – UEMA



Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura